



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

ALEXSANDRA MARIA DE SIQUEIRA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS
SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

RECIFE-2015

ALEXSANDRA MARIA DE SIQUEIRA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS
SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**RECIFE
JUNHO-2015**

Ficha Catalográfica

S618r Siqueira, Alexsandra Maria de
 As representações sociais das mulheres rurais sobre os
 saberes construídos nos movimentos sociais para o
 desenvolvimento local / Alexsandra Maria de Siqueira. --
Recife,
 2015.
 81f. : il.

 Orientadora : Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa
 Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento
 local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
 Departamento de Educação, Recife, 2015.
 Inclui referências e apêndice(s).

 1. Representações sociais 2. Mulheres Rurais
 3. Desenvolvimento local I. Costa, Maria Aparecida Tenório
 Salvador da, orientadora II. Título

CDD 630.717



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS
SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO LOCAL

Dissertação apresentada pela mestranda
Alexsandra Maria de Siqueira ao
Programa de Pós-Graduação em
Extensão Rural e Desenvolvimento
Local da Universidade Federal Rural de
Pernambuco como exigência para
obtenção do Título de Mestre.

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Tenório
Salvador da Costa
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Irenilda Lima de Souza
(Examinadora Interna)

Prof.^a Dra. Rosane Maria Alencar da Silva
(Examinadora Externa)

RECIFE
JUNHO-2015

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS
SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO LOCAL

ALEXSANDRA MARIA DE SIQUEIRA

Dissertação julgada adequada para
obtenção do título de mestre em
Extensão Rural e Desenvolvimento
Local. Defendida e aprovada em
29/06/2015 pela seguinte banca
examinadora

Prof(a). Dr(a). Maria Aparecida Tenório
Salvador da Costa
(Orientadora)
[Departamento de Educação]
[UFRPE]

Prof(a). Dr(a). Irenilda Lima de Souza
[Departamento de Educação]
[UFRPE]

Prof(a). Dr(a). Rosane Maria Alencar da Silva
[Departamento de Sociologia]
[UFPE]

Dedicatória

Dedico esta pesquisa às pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para que este estudo se constituísse. Em especial, às participantes da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Agradecimentos

A Deus, e aos amigos invisíveis, agradeço pela proteção e discernimento.

Aos meus familiares pelo incentivo e pelo apoio incondicional.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa, agradeço por me acolher como sua orientanda, por sua amizade, pelo suporte nas correções, pela paciência desprendida a mim. Obrigada pelos incentivos e por acreditar junto comigo na relevância de um problema de pesquisa que valoriza os saberes das mulheres rurais e aproxima esses saberes das comunidades acadêmicas.

Às mulheres dos grupos da Rede de Mulheres do Pajeú, em especial: Xique-xique, Retalhos do Pajeú e Raízes do campo, sujeitos sociais dessa pesquisa. Agradeço pela confiança e por compartilhar suas representações, saberes e anseios, elementos de sustentação que permitiram alicerçar esta dissertação.

Aos colegas do Sertão do Pajeú, agradeço pelo acolhimento e apoio de sempre.

Aos colegas de turma, agradeço pela amizade, pelas partilhas, pelo apoio e generosidade durante dois anos de muitos desafios e trocas de saberes.

Ao corpo docente, coordenação e administração do POSMEX pelos aprendizados, pelo apoio e confiança.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, os meus eternos agradecimentos.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais localizados no município de Afogados da Ingazeira -PE. Foram realizadas observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo focal com as mulheres que integram a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP). As mulheres rurais, sujeitos sociais dessa pesquisa, pertencem a três grupos produtivos membros da RMPP. A fundamentação teórica da pesquisa contempla, predominantemente, os conceitos de movimentos sociais, desenvolvimento local e representações sociais, além dos contextos sociais, políticos, históricos e culturais presentes no processo de sua elaboração. A partir dos relatos das mulheres, percebe-se que houve várias mudanças em suas vidas proporcionadas pelos saberes oriundos das interações com os movimentos sociais. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados pela *comunicação* faz referência as representações sociais das mulheres rurais que veem nas falas, e na interação com outros sujeitos sociais a construção de conhecimentos. Os saberes representados pela *autonomia/poder* correspondem as representações sociais que enxergam o conhecimento como um instrumento para o empoderamento, para transformação das relações de poder, e, os saberes representados pela *criatividade* faz alusão às representações sociais sobre as habilidades desenvolvidas/aprimoradas nos movimentos sociais. De acordo com as representações sociais sobre os saberes elaboradas por elas, as transformações ultrapassaram os aspectos econômico e social, visto que, estimulou a autonomia, como também, elevou a autoestima, além da melhoria na comunicação e no convívio com as pessoas. As mulheres acreditam, ainda, que os saberes construídos nos movimentos sociais, contribuíram para o desenvolvimento local, pois, entendem que essa perspectiva de desenvolvimento correspondem às noções, como as de desenvolvimento humano, cidadania, bem-estar e melhoria na qualidade de vida.

Palavras-chave: Representações Sociais. Mulheres Rurais. Movimentos Sociais. Desenvolvimento Local.

Abstract

The objective of this research is to analyze the social representations of rural women on the knowledge built from its insertion in social movements located in the municipality of Afogados da Ingazeira-PE. Participant observation were conducted semi-structured interviews and focus groups with women in the Women Producers Network Pajeú (RMPP). Rural women, social subjects of this research, belong to three groups productive members RMPP. The theoretical foundation of the research includes predominantly the concepts of social movements, local development and social representations, in addition to social, political, historical and cultural present in the drafting process. From the women's reports, it is noticed that there were several changes in their lives provided by knowledge derived from interactions with social movements. The knowledge built in social movements represented by the Communication refers the social representations of rural women who see in the statements, and the interaction with other social subjects the construction of knowledge. The knowledge represented by autonomy / power match the social representations that see knowledge as a tool for empowerment, and for transformation of power relations. The knowledge represented by the creativity alludes social representation of the skills developed / improved in social movements. According to the social representations of the knowledge developed by them, the changes exceeded the economic and social aspects, since, encouraged the autonomy, as well as, increased self-esteem, in addition to improvement in communication and interaction with people. Women believe also that the knowledge built in social movements, contributing to local development, therefore, understand that this development perspective correspond to notions such as human development, citizenship, welfare and improvement in quality of life.

Keywords: Social Representations. Rural Women. Social Movements. Local Development.

Resumen

El objetivo de esta investigación es analizar las representaciones sociales de las mujeres rurales en el conocimiento construido a partir de su inserción en los movimientos sociales ubicadas en el municipio de Afogados da Ingazeira-PE. Se realizaron, la observación participante, entrevistas semiestructuradas y grupos focales con mujeres de la Red de Mujeres Productoras del Pajeú (RMPP). Las mujeres rurales, los sujetos sociales de esta investigación, pertenecen a tres grupos miembros productivos de la RMPP. El fundamento teórico de la investigación incluye predominantemente los conceptos de los movimientos sociales, el desarrollo local y las representaciones sociales, además de la actualidad social, política, histórica y cultural en el proceso de redacción. A partir de los informes de las mujeres, se observa que hubo varios cambios en sus vidas proporcionados por el conocimiento derivados de las interacciones con los movimientos sociales. El conocimiento acumulado en los movimientos sociales representados por la *Comunicación* se refiere las representaciones sociales de las mujeres rurales que ven en las conversaciones, y la interacción con otros sujetos sociales la construcción del conocimiento. Los saberes representados por la autonomía / poder coincide con las representaciones sociales que ven el conocimiento una herramienta para el empoderamiento, y para la transformación de las relaciones de poder. El conocimiento representado por la creatividad alude representación social de las habilidades desarrolladas/mejoradas en los movimientos sociales. De acuerdo con las representaciones sociales de los conocimientos desarrollados por ellas, los cambios superaron los aspectos económicos y sociales, ya que, lograrán la autonomía, así como, el aumento de la autoestima, además de la mejora en la comunicación y la interacción con la gente. Las mujeres creen también que el conocimiento incorporado en los movimientos sociales, contribuyendo al desarrollo local, por lo tanto, entiende que esta perspectiva de desarrollo corresponden a nociones tales como el desarrollo humano, la ciudadanía, el bienestar y la mejora de la calidad de vida.

Palabras Clave: Representaciones Sociales. Mujeres Rurales. Movimientos Sociales. Desarrollo Local.

Résumé

L'objectif de cette recherche est d'analyser les représentations sociales des femmes rurales sur la connaissance construite à partir de son insertion dans les mouvements sociaux situés dans la municipalité de Afogados da Ingazeira-PE. L'observation des participants ont été menée des entretiens semi-structurés et des groupes de discussion avec des femmes dans le Réseau Pajeú femmes producteurs (RMPP). Les femmes rurales, les sujets sociaux de cette recherche, appartiennent à trois groupes membres productifs RMPP. Le fondement théorique de la recherche comprend principalement les concepts de mouvements sociaux, le développement local et les représentations sociales, en plus présente social, politique, historique et culturelle dans le processus de rédaction. De les rapports des femmes, il est remarqué qu'il y avait plusieurs changements dans leur vie fournies par les connaissances issues des interactions avec les mouvements sociaux. La connaissance construite dans les mouvements sociaux représentés par la communication renvoie les représentations sociales des femmes rurales qui voient dans les déclarations, et l'interaction avec d'autres sujets sociaux de la construction de la connaissance. La connaissance représentée par l'autonomie / puissance correspondent aux représentations sociales qui voient connaissances comme un outil pour l'autonomisation et la transformation des relations de pouvoir. La connaissance représentée par la créativité fait allusion représentation sociale des compétences développées / améliorées dans les mouvements sociaux. Selon les représentations sociales de la connaissance développée par eux, les changements ont dépassé les aspects économiques et sociaux, depuis, a encouragé la l'autonomie, ainsi que, augmenté l'estime de soi, en plus de l'amélioration de la communication et l'interaction avec les gens . Les femmes croient également que la connaissance construite dans les mouvements sociaux, contribuer au développement local, par conséquent, de comprendre que cette perspective de développement correspondent à des notions telles que le développement humain, la citoyenneté, le bien-être et l'amélioration de la qualité de vie.

Mots-clés: Représentations sociales. Les femmes rurales. Mouvements sociaux. Développement local.

I-SIGLAS E ABREVIATURAS

CF8 - Centro Feminista 8 de Março

CMN-NE- Casa da Mulher do Nordeste

CPT- Comissão Pastoral da Terra

DPMR- Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais

GMM- Grupo Mulher Maravilha

IICA- Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

IPA- Instituto Agrônômico de Pernambuco

MDA- Ministério do Desenvolvimento Agrário

MMTR-NE - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste

PNDTR- Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural

POPMPR- Programa de Organização Produtiva das Mulheres Rurais

POSMEEX - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RMPP - Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú

TRS - Teoria das Representações Sociais

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

II- TABELA/FIGURA

Tabela 1- Auto identificação das mulheres da RMPP

Figura 1- Mapa do Sertão do Pajeú

Figura 2- As mulheres em encontros da RMPP.

Figura 3- As mulheres em oficinas de design para aprimorar os produtos.

Figura 4 - As mulheres do grupo Retalhos do Pajeú na produção de colchas em retalhos.

Figura 5 - As mulheres do grupo Xique-Xique na produção de compostas e doces.

Figura 6- A feira agroecológica e a participação das mulheres da RMPP.

Figura 7- Loja itinerante onde são comercializados os produtos artesanais.

Figura 8- A comercialização dos produtos no Trailer.

Figura 9- As mulheres comercializando os produtos no Trailer.

Figura 10- A pesquisadora e as mulheres da RMPP durante o grupo focal.

Figura 11- A pesquisadora e as mulheres da RMPP.

Sumário

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Resumén

Resumé

Lista de Siglas e Abreviaturas

Lista de Tabela/Mapa/Figuras

1- Introdução.....16-28

2- Dialogando com o campo conceitual.....28-45

3- Considerações finais.....46-49

4- Referências.....50-51

5- Apêndices

6- Artigo científico

1. Introdução

O interesse pelo tema deste estudo surgiu com o desenvolvimento de um trabalho de consultoria, realizado pela pesquisadora, na região do sertão do Pajeú no estado de Pernambuco, fruto de um convênio entre o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Essa consultoria, compreendida no âmbito mais amplo da extensão rural, teve o objetivo de ampliar o acesso das mulheres rurais às políticas públicas, e para isso, foram desenvolvidas ações como: realizações de oficinas; seminários e; assessoria técnico-pedagógica às representantes de movimentos sociais, ONG's (Organização Não Governamental), associações e comunidades locais. Essas ações foram executadas pelo Centro Feminista 8 de março (CF8), com o apoio de instituições parceiras da região do Pajeú como: a Casa da Mulher do Nordeste (CMN-NE), Grupo Mulher Maravilha (GMM), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP) e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE). A consultoria também realizou uma avaliação sobre o acesso das mulheres às políticas públicas, cujo resultado apresentou os seguintes programas mais acessados: Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR), Programa de Organização Produtiva das Mulheres Rurais (POPMR) e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf B), enquanto que, os menos procurados foram os de oferta de crédito nas áreas de assentamento.

Durante a implantação das atividades citadas acima, foi possível observar o cotidiano dos sujeitos sociais participantes do movimento social denominado de Fórum de Mulheres do Pajeú. Neste espaço, são discutidos os direitos das mulheres com representantes do poder municipal, estadual e regional. Além dessas atuações, algumas mulheres participam também de grupos com produções diversificadas como beneficiamento de frutas, artesanatos, atividades em quintais produtivos, entre outras. Essas mulheres ao mesmo tempo em que estão envolvidas em ações nos movimentos sociais, também se encontram em grupos produtivos ligados a uma rede conhecida como Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP).

A expressão “rede” que surgiu para significar conjuntos entrelaçados de fios que formavam tecidos, com o tempo foi ganhando outros significados nas diversas áreas do conhecimento, como “redes sociais” na sociologia, “redes de computadores”

na informática, etc. No contexto deste trabalho, a ideia de rede adotada, é a formulada por Melucci (2001), que afirma ser um movimento, uma ação coletiva, baseada na solidariedade formada por pequenos grupos, e, indivíduos que compartilham de um objetivo comum.

Desse modo, o movimento é compreendido como a mobilização de sujeitos coletivos, que lutam para a apropriação de recursos oriundos das suas próprias demandas. O movimento alimenta a sua própria visibilidade, e esta reforça os grupos que a compõem, fornecendo-lhes energia para renovar a solidariedade e atrair novos militantes. Ainda de acordo com Melucci (2001, p.74):

As redes são formadas por grupos imersos na vida cotidiana com fins específicos e caracterizam-se pela associação múltipla, pela militância parcial e efêmera, e pelo desenvolvimento pessoal e solidariedade afetiva como condições para participação.

Nesse sentido, se compreende a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP) como uma representante de uma ação coletiva, que busca criar visibilidade, promover a autonomia dos sujeitos que a integram e fomentar a solidariedade entre as mulheres que trabalham em grupos, nos quais cada participante é envolvida no mesmo contexto de interesses e oportunidades.

Assim, ao perceber o envolvimento dessas mulheres rurais nos diversos espaços sociais com desenvolvimento de variadas ações, algumas interrogações foram surgindo: como os saberes construídos na dinâmica dos movimentos sociais promovem/promoveram mudanças nas vidas desses sujeitos sociais? E, em que medida essas mudanças contribuíram para o desenvolvimento local? Para responder a estas interrogações, se fez necessário, uma imersão no cotidiano dessas mulheres, sobretudo no dia a dia desses sujeitos nos movimentos sociais, buscando entender como elas se percebem participando desses movimentos; porque e como participam de grupos produtivos e de redes, e, destacadamente, compreender como as representações sociais sobre os saberes construídos na dinâmica dos movimentos sociais contribuem para a transformação dos sujeitos que integram a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP).

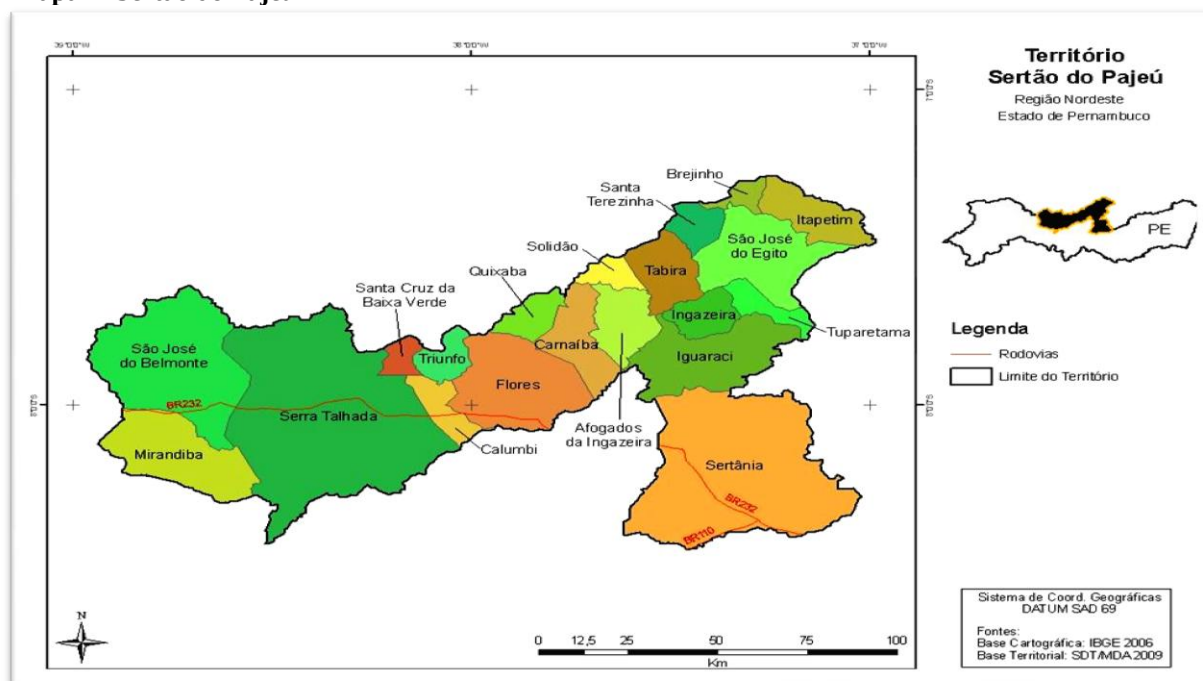
Essa dinâmica corrobora com o pensamento de Certeau (2008), para quem os grupos sociais não vivem na imobilidade e seus gestos não são imutáveis, ao contrário, há um ciclo de vida e morte em torno das práticas cotidianas, essas

construções sociais são resultados sempre transitórios e fugazes e estão em constante processo de transformação. Para esse autor, o cotidiano é aquilo que nos é dado diariamente, é aquilo que nos impõe frequentemente e rotineiramente nos oprime, pois existe uma opressão no presente. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente a partir do interior.

A vida cotidiana dos sujeitos desta pesquisa se desenvolve no espaço do sertão do Pajeú, particularmente no município de Afogados da Ingazeira. Esse município destaca-se por possuir uma quantidade significativa de movimentos sociais com realce para algumas ações voltadas ao desenvolvimento local, onde se inclui a força de trabalho das mulheres.

O sertão do Pajeú está localizado no norte do estado de Pernambuco, é composto por vinte municípios como revela o Mapa-1 e tem clima semiárido na maior parte de seu território. A região destaca-se por ter a agropecuária mais desenvolvida do sertão brasileiro e a pequena atividade econômica da região é em sua maioria movimentada pelo comércio. Na região de brejo de altitude, a atividade agrícola tem mais diversidade, inclusive a fruticultura, e, nas regiões baixas, a pecuária caprina e bovina prevalece e a agricultura predominante é a de subsistência (Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú, 2011).

Mapa 1- Sertão do Pajeú



Fonte: Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA

O município de Afogados da Ingazeira encontra-se na mesorregião do sertão de Pernambuco e micro região do alto Pajeú, a uma distância de aproximadamente 386 km da capital pernambucana. Limita-se ao norte com o município de Solidão e o estado da Paraíba; ao sul, com os municípios de Igaraci e Carnaíba; ao leste, com os municípios de Tabira e Igaraci e ao oeste com o município de Carnaíba. A cidade é formada pelos povoados de Carapuça, Queimada Grande, Alto Vermelho, Pintada, Varzinha, entre outros. (Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú, 2011).

A RMPP, com o objetivo de fortalecer o desenvolvimento econômico e social das mulheres da região tem contado com o apoio de grupos produtivos de municípios vizinhos. Entre os 28 grupos que compõem atualmente a rede, destacam-se: Guerreiras Pernambucanas, de Igaraci; Cheiros do Sertão, de Carnaíba; Retalhos do Pajeú, Raízes do campo e Xique- Xique, de Afogados da Ingazeira; Arte Mulher, de São José do Egito; Doce esperança, de Santa Cruz da Baixa Verde; Nova Fonte, de Triunfo; Flores do campo, de Flores; Artes Barro; de Brejinho; etc.

Em se tratando da população de Afogados da Ingazeira, segundo dados do censo 2013 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município conta atualmente com 32.916 habitantes, destes 15.843 são homens e 17.073 são mulheres. A população urbana é constituída de 23.143 habitantes e a população rural de 9.773. A maior parte dos habitantes da área rural vive da agricultura e da pecuária. Entre as 17.073 mulheres reveladas pelos dados, mais de 200 mulheres fazem parte da RMPP, e a maioria delas são da área rural, e se identificam como agricultoras e artesãs.

Os aspectos físicos do município de Afogados da Ingazeira são constituídos de clima predominantemente semiárido, quente e seco, e a temperatura anual variável na região é entre 20° C e 36°C, com a pluviometria média em torno de 658,7 mm por ano, com chuvas mal distribuídas, evidenciando um grande período de seca (IBGE, 2013). Sobre as vegetações, prevalece a caatinga, porém encontram-se outras espécies nativas como o juazeiro, o angico, a jurema, a algaroba, frutíferas, entre outras que compõem a região (Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú, 2011). Com o intuito de aproveitar os potenciais locais, o grupo Xique-xique, um dos membros da RMPP, retira de espécies frutíferas como goiabeira, umbuzeiro e aceroleira os frutos para beneficiar compotas, doces e bolos. Já o grupo Cheiro do Sertão, através de plantas medicinais como Camomila, Cidreira e Capim Santo, confeccionam

travesseiros e bonecas fitoterápicas, contribuindo com o desenvolvimento local da região.

Quanto aos aspectos econômicos do município de Afogados da Ingazeira, o censo de 2013, revela que a atividade predominante está no setor primário com 84,74% de ocupação do pessoal, o setor secundário com 2,90% e o terciário com 12,3%. A RMPP se enquadra no percentual do setor terciário, pois de acordo com Gonh (2011), é no terceiro setor que estão as ONGs, entidades filantrópicas, organizações sem fins lucrativos e outras formas de associações civis.

No desenvolvimento da pesquisa, a partir das vivências e observações *in loco*, foi possível verificar que o comércio em Afogados da Ingazeira, pode ser caracterizado como bem desenvolvido, constituído por estabelecimentos de varejo, atacado e misto, localizados especialmente no centro da cidade. Aos sábados são realizadas diversas feiras como: a livre, e a agroecológica, essa última, conta com o apoio das ONG's. Nos arredores da cidade, se encontram também, a feira do troca-troca e a feira de animais, que geram renda para as famílias e para o município. São nas feiras agroecológicas que as mulheres da RMPP comercializam parte dos seus produtos, como também, na loja itinerante onde são expostos os produtos artesanais para a venda, e no traller onde são oferecidos alimentos beneficiados, naturais e livres de agrotóxicos. Esses espaços de comercialização contribuem para a economia e autonomia das participantes do grupo e do local. Vários grupos da RMPP também contribuem para o setor agropecuário da região, em atividades como na criação de animais de pequeno porte, na produção de hortaliças em quintais produtivos e em atividades de sequeiros¹.

Em se tratando das estratégias políticas e sociais do município, pode-se afirmar que, estas foram promovidas inicialmente, por igrejas e meios de comunicação, com destaque para a rádio local, que estimularam a população a participar de movimentos comunitários. Essas ações coletivas favoreceram a história política da cidade, e colaboraram com o processo de formação da organização da comunidade. À medida que, esses movimentos foram acontecendo, apareceram grupos de jovens, ONG's, Associações Rurais, Associação de Moradores, pólos, fóruns e Conselhos diversos como o: da criança e do adolescente, da merenda escolar, da saúde, da assistência social, entre outros que contribuíram/contribuem para o desenvolvimento local (DA SILVA, 1997).

¹ **Sequeiro** é uma técnica agrícola para cultivar terrenos onde a pluviosidade é diminuta. A expressão deriva da palavra seco e refere-se a uma plantação em solo firme, é muito comum no sertão nordestino.

A RMPP foi constituída a partir de um movimento solidário, com o intuito de minimizar o isolamento das mulheres que viviam em comunidades diversas. Hoje, a rede se estende em dez municípios diferentes do sertão do Pajeú, e em quatro comunidades do município de Afogados da Ingazeira.

O Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú, (2011), destaca que a região do Pajeú é marcada pelo processo político de movimentos sociais, especialmente movimentos de mulheres. Além da rede de mulheres produtoras do Pajeú, existem vários grupos de mulheres produtoras, comitês e fóruns de mulheres, entre outros movimentos que têm como objetivo o empoderamento das mulheres, a partir das suas formas de organização que vão desde a auto-organização dentro dos movimentos, até a atuação nas comunidades, gerando variadas formações de coletivos sociais.

Para Castells (2000), os movimentos sociais são formados por identidade, adversário e meta societal. A identidade refere-se à autodefinição do movimento, sobre o que ele é e em nome de quem se pronuncia. Adversário refere-se ao principal inimigo do movimento, expressamente declarado pelo próprio movimento. Meta societal refere-se à visão do movimento sobre o tipo de ordem ou organização social que almeja no horizonte histórico da ação coletiva que se promove.

Nessa perspectiva, dentre as variadas formas de movimentos sociais e de organização de mulheres do Pajeú, os movimentos sociais, suas identidades, suas lutas e metas societais, destacam-se nos movimentos abaixo citados, embora assumam mais de um formato, ou seja, um movimento pode ser ao mesmo tempo caracterizado por luta e meta societal:

- I - A luta dentro do movimento sindical, nos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais que tem uma forte atuação na região;
- II – O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – organização de mulheres sindicalistas que lutam pelo reconhecimento e visibilidade do trabalho das mulheres na agricultura e no acesso aos direitos previdenciários e saúde da mulher;
- III – O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE) – movimento autônomo de trabalhadoras rurais que atuam no campo dos direitos das mulheres trabalhadoras rurais. Sua principal luta é a conquista do direito dessas trabalhadoras à documentação através da campanha “Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documento” que concebe a documentação como um elemento de cidadania e empoderamento das mulheres;

IV – A auto-organização em grupos de mulheres – essa forma de organização das mulheres ocorre no interior das comunidades. Constitui-se num espaço de fortalecimento e autonomia para discutir sobre as dificuldades no campo produtivo. Esses espaços também são estratégicos para o desenvolvimento de atividades produtivas coletivas que visam contribuir com o desenvolvimento local;

V – Organizações não governamentais que atuam no campo dos direitos humanos, econômicos e de representação política das mulheres com a missão de estimular o empoderamento econômico e político das mulheres.

Neste sentido, entendemos que as diversas organizações de mulheres e movimentos sociais do sertão do Pajeú, tem uma dinâmica muito especial, pois surgem a partir de um conjunto de experiências e demandas da sociedade em torno do desenvolvimento de objetivos construídos historicamente pelas mulheres.

A partir do exposto, o objetivo geral da pesquisa que originou este trabalho foi o de analisar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais localizados no município de Afogados da Ingazeira -PE.

E os objetivos específicos foram:

- Identificar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes que construíram durante a sua participação na RMPP;
- Compreender as influências das representações sociais, sobre os saberes elaborados pelas mulheres durante a sua participação nos movimentos sociais, nas suas vidas na família e nos grupos coletivos;
- Reconhecer a contribuição das representações dos saberes elaborados pelas mulheres da RMPP para o desenvolvimento local.

Este estudo se faz relevante para a linha de pesquisa, Extensão Rural para o Desenvolvimento Local, porque dentre as dissertações produzidas no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX e, na literatura mais ampla, observou-se que na temática das Teorias das Representações Sociais (TRS), poucas pesquisas contextualizam sobre os saberes elaborados nos movimentos sociais, e nenhuma investigação, no POSMEX, evidencia a relevância das representações sociais acerca dos saberes construídos nesses espaços para o cotidiano das mulheres rurais.

Sendo assim, este estudo pretende contribuir com a elucidação das representações sociais sobre os saberes construídos pelas participantes do movimento

social da RMPP, além das influências, transformações e construções sociais que essas representações proporcionam/proporcionaram à vida dessas mulheres rurais atuantes nesses espaços coletivos.

1.1 - Percurso Metodológico

A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú² é uma associação de direito privado sem fins lucrativos que existe desde o ano de 2005. No início se constituiu numa Rede de articulação de 10 grupos de mulheres na Região do Pajeú, com o objetivo de diminuir o isolamento das mulheres rurais e de periferias urbanas de baixa renda, que lutavam em suas comunidades por dignidade, renda e segurança alimentar.

Em 2008, a composição da rede já havia se expandido, com isso, foi necessário ampliar suas ações, e se legalizar como associação para conquistar uma maior autonomia. Atualmente a RMPP, é composta por 28 grupos, e é uma organização gerida pelas próprias mulheres com a pretensão de minimizar a pobreza das mulheres rurais e urbanas da região do Pajeú. Uma das bandeiras da Rede é a agroecologia e a construção de uma economia solidária, se comprometendo com uma vida mais justa e sem exclusões. A compreensão de agroecologia é, neste trabalho, orientada por Altieri (2002, p. 592), que a caracteriza como “uma disciplina que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores dos recursos naturais, apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis”.

Sendo assim, a formação na RMPP é um processo contínuo de construção que se realiza na estreita relação de interação e saberes das mulheres rurais que dela fazem parte, através das atividades da produção nas comunidades e fora dela, tornando possível concretizar uma proposta efetiva de participações em movimentos sociais e de interações interpessoais, concorrendo para a troca e transformação dos conhecimentos. Importa considerar que o saber, é uma ação permanente de elaboração de conhecimentos, prático e/ou teórico, produzido na dialogicidade entre os sujeitos, cuja transformação se expressa nas práticas sociais.

² Informação obtida no site da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Disponível em: <http://redemulheresprodutoraspajeu.org>

O processo investigativo, portanto, se ocupou de analisar e compreender como as mulheres da RMPP representam socialmente esses saberes e, esse processo foi desenvolvido à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS). A escolha por esse meio teórico-metodológico justifica-se pela possibilidade de acessar as crenças, ideias, os desejos e valores, além de familiarizar o pesquisador com o que os sujeitos constroem acerca de determinado objeto social, neste caso, as representações sociais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais.

As representações sociais são compreendidas como formas de conhecimento prático que orientam as ações no cotidiano em interface com duas forças: a dos conteúdos que circulam em nossa sociedade e a decorrente do próprio processo de interação social e pressões para definir uma dada situação de forma a manter identidades coletivas (SPINK, 1995). Para Guareschi e Jovchelovich (1998), as representações sociais são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando, estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Segundo Spink (1995), a representação social designa uma forma de conhecimento específico, acessada por meio de seus elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias e teorias), mas entendidas pelo seu contexto de produção.

Assim, as representações sociais formadas sobre determinado fenômeno, assunto, ou até mesmo um objeto material, encontram-se em contínua elaboração, sempre sendo ligadas a um determinado contexto, dentro das atividades cotidianas, sociais, culturais, econômicas entre outras. Para perceber as subjetividades e impressões compartilhadas pelas mulheres que participam da RMPP e acessar as suas representações sociais, o cotidiano não pode ser desconsiderado, uma vez que, a notoriedade que é dada à construção desse fenômeno é concebida neste meio. E é no cotidiano, no espaço de trocas de vivências do dia a dia que se pôde apreender as representações sociais elaboradas pelas mulheres participantes da RMPP. Para essa captação, importou considerar as memórias dessas mulheres, os seus casos e fatos marcantes, destacadamente, os saberes elaborados por elas na caminhada junto aos movimentos sociais. Para isso, a TRS corrobora com a preocupação sobre a produção dos saberes sociais, porém não de qualquer saber, mas dos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1998).

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa porque se pretendeu compreender o fenômeno já referendado, realizar descrições, análises e interpretações de caráter

muitas vezes subjetivo. A pesquisa qualitativa se caracteriza por ser mais participativa e menos controlável, já que os sujeitos participantes podem contribuir com os caminhos da investigação mediante suas interações com o pesquisador. Segundo Leopardi (2001), na prática de uma pesquisa qualitativa, o pesquisador envolve-se com a vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa, compreendendo um problema a partir da visão, vivências, aflições, desejos, anseios e sentimentos destes sujeitos. No entanto, isso não significa que o pesquisador não dê a distância necessária à investigação e preservação do seu objeto de pesquisa.

Em sintonia com as metodologias utilizadas na pesquisa qualitativa onde se trabalha com opiniões, representações, posicionamentos, atitudes, etc., foram realizadas, observação participante, entrevistas semiestruturadas e o grupo focal, técnicas muito utilizadas nos estudos das representações sociais. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas a partir de um roteiro (vide apêndice). Tanto as entrevistas como o grupo focal tiveram como participantes, mulheres rurais que fazem parte da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP), mais especificamente nos debruçamos sobre as falas das mulheres rurais que residem na cidade de Afogados da Ingazeira.

Para acessar as representações sociais, foi constituída uma amostra de sujeitos, que por suas experiências na RMPP, contribuíram com os objetivos da pesquisa: Mulheres rurais com maior tempo de participação na RMPP; Mulheres rurais com menor tempo de participação na RMPP e Mulheres rurais que saíram da RMPP. Foram ainda realizadas entrevistas com a coordenação da RMPP.

As entrevistas foram realizadas com 10 mulheres rurais com idade mínima de 32 anos e máxima de 61 anos. Essas mulheres pertencem a três grupos produtivos: Retalhos do Pajeú, da comunidade de Curral Velho; Raízes do Campo, da comunidade de Queimadas; e Xique-Xique, da comunidade de Monte Alegre, todos situados no município de Afogados da Ingazeira-PE e pertencentes à RMPP. Já o grupo focal foi composto por 8 participantes, também dos grupos produtivos já mencionados. De acordo com Gatti (2005, p.7), sobre os critérios para montar um grupo focal, ou entrevistas “os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”. No grupo focal, além da moderadora, foi possível contar com uma observadora que contribuiu com os registros adicionais às falas, como os silêncios, os gestos, os olhares e outros procedimentos que emergiram dos sujeitos sociais durante o processo grupal, visando garantir o enriquecimento das informações.

As mulheres foram entrevistadas em um espaço de apoio da feira agroecológica, evento que acontece todos os finais de semana no centro da cidade de Afogados da Ingazeira. A durabilidade das entrevistas ocorreu em torno de uma hora por participante.

O local escolhido para o desenvolvimento do grupo focal foi o salão paroquial, também no centro da cidade por ser um lugar de fácil acesso e conhecido por todos que moram na cidade. Durante o desenvolvimento do grupo focal, as mulheres foram organizadas em círculo, facilitando a discussão entre elas, de modo a favorecer uma interlocução direta, conforme sugere Gatti (2005, p.25). Por aproximadamente duas horas as participantes expuseram suas opiniões, discutiram e lembraram fatos, o que possibilitou reunir um conjunto de informações para responder ao objeto da pesquisa.

Nas entrevistas foram utilizados: roteiros e gravadores de áudio. Para o grupo focal recorremos aos gravadores de áudio e vídeo, captação de fotografias, além de papel, caneta e crachás. Gatti (2005, p. 24 e 25) sugere registrar o trabalho com grupo focal gravando em áudio e em vídeo, visando garantir fidedignidade aos discursos e não perder falas complementares, gestos, etc.

Interessada pela dinâmica dos grupos da RMPP, a pesquisadora integrou-se às mulheres nas suas atividades, dando início às primeiras aproximações da observação participante que se estendeu por vários meses. Para Brandão (2006), a observação participante supõe a interação pesquisador-pesquisado, assim, as informações que o pesquisador obtém dependerão das relações que desenvolveu com os sujeitos pesquisados.

De modo epistemológico, esse tipo de observação favoreceu à participação mais intensa da pesquisadora na vida dos grupos e garantiu maior profundidade das informações apreendidas. Segundo Brandão (2006), a observação participante é uma técnica pela qual o pesquisador participa de um determinado objeto/grupo para compreender-lhe no seu interior.

Para o registro das observações foi utilizado o diário de campo, instrumento que permitiu a anotação imediata de informações que emergiam das falas, dos gestos, dos silêncios, das atitudes, etc. Essas informações foram somadas às demais e analisadas na perspectiva do objeto da pesquisa.

As técnicas utilizadas para apreensão das representações sociais possibilitaram momentos agradáveis de trocas de experiências e saberes entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados. Os diálogos foram descontraídos, deixando as participantes confortáveis para expressar as suas representações.

Assegurar o sigilo acerca da identidade das participantes e o respeito às informações, além de reconhecer a credibilidade aos sujeitos da pesquisa, garantiu também uma discussão mais dinâmica. Para registrar as falas das mulheres nos resultados e nas discussões foram utilizados nomes fictícios, a partir de termos citados por elas ao se auto identificarem durante as entrevistas e o grupo focal, como demonstra a tabela abaixo:

<i>Nome fictício - Como se Representam</i>	<i>RMPP, Grupo Produtivo.</i>	<i>Produção</i>	<i>Tempo de atuação em movimentos sociais?</i>
Transformada	Xique-xique	Beneficiamentos de frutas para Compotas e doces	+ 10 anos
Guerreira	Xique-xique	Beneficiamentos de frutas para Compotas e doces	+ 10 anos
Solidária	Xique-xique	Beneficiamentos de frutas para Compotas e doces	+ 10 anos
Corajosa	Xique-xique	Beneficiamentos de frutas para Compotas e doces	+ 10 anos
Sabida	Xique-xique	Beneficiamentos de frutas para Compotas e doces	+ 1 ano
Empoderada	Retalhos do Pajeú	Artesanatos de retalhos e fuxicos	+ 8 anos
Fortalecida	Retalhos do Pajeú	Artesanatos de retalhos e fuxicos	+ 10 anos
Articulada	Retalhos do Pajeú	Artesanatos de retalhos e fuxicos	+ 10 anos
Comunicativa	Retalhos do Pajeú	Artesanatos de retalhos e fuxicos	+ 8 anos
Participativa	Raízes do campo	Artesanatos com aplicação em vestuário e decoração	+ 10 anos

Tabela 1- Auto identificação das mulheres rurais da RMPP

Como é possível observar a maioria das mulheres pesquisadas frequentam os movimentos sociais a mais de dez anos, e, após as vivências nos movimentos, elas se auto identificam como: empoderada, sabida, guerreira, transformada, corajosa, solidária, fortalecida etc.

Em relação ao tratamento das informações na TRS, segundo Spink (1995a) a análise é demorada, e, é centrada na totalidade do discurso, e por consequência, acaba envolvendo um número menor de sujeitos. A autora entende que para apreender as representações sociais, é preciso se atentar, de algum modo, às ideias implícitas no senso comum.

As análises da pesquisa realizada seguiram os fundamentos citados por Spink

(1995a), onde primeiramente, foram transcritos os conteúdos das entrevistas e do grupo focal, em seguida foram feitas por várias vezes a leitura flutuante do material, intercalando entre a escuta e a leitura. Os fragmentos das transcrições que se referiam ao objeto estudado e outros comentários relevantes à análise foram sendo realçados em itálico, neste processo foram se delineando as representações sociais sobre os saberes, que em seguida foram organizadas em três categorias: a) aprimorados pela comunicação; b) da construção da autonomia/poder; c) da criatividade. Essas categorias serão detalhadas mais adiante na etapa de resultados e discussões que se encontram no artigo extraído deste estudo.

2. Dialogando com o campo conceitual

Para compreender as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais, importa fazer um resgate do campo conceitual, que norteou a pesquisa acadêmica como: Movimentos Sociais, Desenvolvimento Local e Representações Sociais.

Para o estudo sobre os Movimentos Sociais, o referencial teórico foi constituído a partir do pensamento de Castells (2000, 2008), Melluci (2001), Gonh (2011), e Portugal (2014). Esses autores relatam os diferentes conceitos e as transformações destes, ocorridas desde o início das discussões sobre o tema dos movimentos sociais até a atualidade.

O conceito de Desenvolvimento Local foi abordado principalmente, a partir dos trabalhos de Buarque (2002) e Oliveira (2001), e relacionados com as teorias de Capital Social a partir dos trabalhos de Coleman (2001), Bourdieu (2008) e Putnam (2005). Para esses autores, Capital Social é um conjunto de normas sociais, de confiança e de redes de cooperação que desenvolvem intensidade e qualidade nas relações interpessoais, tornando-se alavanca para o Desenvolvimento Local.

Para os estudos acerca das Representações Sociais foram adotados os aportes teóricos de Moscovsci (2001, 2012), Jodelet (2001), Spink (1995, 1998), Guareschi (1998, 2000) e Jovchelovich (1998). A TRS desenvolvida por Moscovici e ampliada pelos demais autores revelam as Representações Sociais como formas de conhecimento, elaborado e compartilhado pela sociedade, contribuindo para a construção de uma realidade comum.

2.1 - Os Movimentos Sociais

Na atual conjuntura de mundo globalizado, os movimentos sociais podem ser compreendidos como, tradicionais ou novos movimentos. Esses movimentos, geralmente são contextualizados em torno das transformações ocorridas na economia, na amplitude dos mercados, e pelas modificações nas formas de organização da produção. Situando-se na perspectiva de novos movimentos de Melucci (2001, p.32), o movimento ou ação coletiva comporta o sentido de inter-relação, de cooperação entre as pessoas que estão interligadas, conectadas em torno de determinado foco de interesses e oportunidades mútuas.

Cabe ainda, mencionar as ações coletivas como articulações que sustentam e protegem aquilo que se quer ter acesso, de forma contínua e com garantia de permanência, sem limite de espaço e tempo que surgem no interior dos novos movimentos.

A discussão sobre os novos movimentos se faz pertinente, para que se compreenda o papel e as características dos movimentos sociais contemporâneos, em especial os que revelam as mulheres rurais que estão reunidas numa ação coletiva, como é o caso da RMPP, que ao longo da trajetória de luta pelos direitos econômicos e sociais se constituiu e sobrevive da mobilização das próprias mulheres. No entanto, para uma melhor compreensão sobre os novos movimentos, recobremos os ditos movimentos sociais tradicionais.

Os estudos sobre os movimentos sociais, por muitos anos, se ocuparam de descrever a ideia da produção com a intenção de compreender as noções centrais dos pensamentos que estavam na origem de três correntes teóricas: a marxista, a americana e a europeia. Na corrente marxista, o movimento social era visto como sinônimo de movimento operário. Mas, a partir das décadas de 70 e 80 do século vinte, houve uma renovação teórica, analisando, por exemplo, movimentos reivindicatórios de bens, de melhorias coletivas, de camponeses, dentre tantos outros fora das camadas operárias. Já a corrente americana surgiu no contexto histórico de uma sociedade marcada pela ideia de reformas e progresso, tendo a orientação de promover a reforma social de uma sociedade convulsionada em direção ao que se entende como seu verdadeiro caminho, de harmonia e estabilidade. A corrente europeia se assemelha com a americana, mas

diferencia-se por não centralizar suas análises nos sujeitos, fundamentando sua estrutura analítica, especialmente, pela ideia de uma identidade coletiva (GOHN, 2011).

Em síntese, esses modelos de movimentos sociais tradicionais, já não descrevem os modelos da atual conjuntura, que é a da multiplicidade dos sujeitos e suas pluralidades reivindicatórias. Para Gohn (2011), as ideias centrais dos novos movimentos devem situar-se em uma sociedade pós-industrial, pós-moderna e reflexiva.

Com isso, deve-se perceber que os anseios dos sujeitos sociais na atual sociedade são ampliados, e o espaço-tempo para as resoluções desses anseios são diminuídos, transformando as demandas, cada vez mais difíceis de serem resolvidas fora de uma base solidária.

No decorrer do século vinte, de acordo com Castells (2000), novas abordagens teóricas sobre os movimentos sociais surgiram, em uma conjuntura intelectual de críticas aos modelos tradicionais. O autor ressalta que se perdeu o poder explicativo dos movimentos tradicionais, e as ações coletivas agenciadas pelos novos movimentos sociais vieram a preencher esse espaço.

A partir desses pressupostos críticos, autores como, Melucci (2001) e Castells (2000), passaram a investigar os movimentos sociais, à luz de esquemas interpretativos que enfocavam a cultura, a ideologia, as lutas do cotidiano, a solidariedade entre os grupos e a constituição de identidades coletivas, dando sentindo a um novo enfoque teórico de interpretação dos movimentos sociais.

As novas teorias sobre os movimentos sociais vêm tentando compreendê-los a partir dos atores, das estruturas, da ideia de autonomia, ou da sua dependência. Desta forma, procuram focar os movimentos sociais numa nova orientação teórica, por entenderem que as características dos novos movimentos sociais apontam para a necessidade de captarem a nova dinâmica destes movimentos e dos novos atores.

Baseado nessa perspectiva, Melucci (2001), despreza o conceito de movimentos sociais tradicionais por considerá-lo reducionista, e emprega preferencialmente o de ações coletivas, por entender que dessa forma, o conceito ganha uma conotação de pluralidade vivida pelo sujeito social atual.

Para se referir as articulações dos fenômenos coletivos, Melucci (2001), prefere falar em redes de movimentos. No entendimento do autor, a ideia de rede reflete melhor a forma de ser e de se expressar dos movimentos, ou seja, é uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana, que exige das pessoas que elas se envolvam e se solidarizem na experimentação e na prática da inovação cultural.

Para Portugal (2014), a expressão “rede”, tem na atualidade uma popularidade crescente. A autora afirma que, as razões deste sucesso são fundamentalmente, duas: o desenvolvimento extraordinário das comunicações, que possibilita a existência de conexões onde antes havia isolamento; e a valorização das relações entre as pessoas e destas com as coisas. A ideia de redes permite extrapolar a exigência de delimitação do raio de ação dos sujeitos sociais e esses, passam a existir como protagonistas que, naquele determinado contexto de interesses e oportunidades, estão conectados.

Nessa linha de pensamento segue Gohn (2011), ao defender que as transformações que aconteceram no mundo, nas últimas décadas, e que acabaram por influenciar as mudanças de focos nos movimentos sociais em geral, e na América Latina em particular, permitem-se afirmar que os movimentos sociais não mais se limitam à política, à religião ou às demandas socioeconômicas e trabalhistas. Ou seja, os movimentos, se constroem nos nós das redes das ações coletivas e são baseados em solidariedade.

Logo, percebe-se que no passado a dimensão do conflito tendia a ser o principal recurso ideológico para as ações coletivas, atualmente, o apelo à solidariedade passa a ser cada vez mais um dos principais recursos para esses movimentos.

Com o desenvolvimento que o conceito de movimento social alcançou, pode-se considerar que a RMPP está inserida nos novos movimentos por se tratar de uma ação coletiva constituída de grupos que estão interligados e buscam produzir e comercializar com base na solidariedade.

As redes de movimentos emergem e vão além da ação de grupos, organizações e cadeias informais. De acordo com Melucci (2001), as ações em redes ampliam os horizontes dos sujeitos sociais envolvidos. A partir dos vínculos sociais, as redes de movimentos desenvolvem seus processos de mobilizações em espaços locais ou regionais, e, de forma articulada buscam impacto, visibilidade numa esfera pública ampliada, desenvolvendo estratégias e propostas programadas em torno de suas demandas, conectando os espaços locais aos espaços mais amplos.

Essa reflexão também é ressaltada por Gohn (2011), quando diz que nenhum sujeito social contemporâneo luta sozinho, mas atua em rede, numa articulação que é global e cuja ação é local. Isso significa afirmar que diante da diversidade dos sujeitos sociais, já não é mais possível falar de um movimento social sem considerar sua articulação numa rede de movimentos. As mulheres da RMPP, nas suas entrevistas, afirmam que, se estivessem em grupos isolados e não estivessem em rede não teriam a

produtividade e visibilidade que hoje elas conquistaram na região e no estado.

Os sujeitos sociais pesquisados produziam em grupos isolados em suas comunidades e com o passar do tempo sentiram a necessidade de se articular com outros grupos da região com o intuito de trocar experiências, melhorar a produção e ampliar a visibilidade para divulgação dos produtos, formando uma rede.

Portanto, rede, para Melucci (2001) inclui tanto as organizações formais, como também a rede de relações informais que conectam indivíduos e grupos chaves em uma área mais extensa de participantes e usuários de serviços e bens culturais produzidos pelo movimento e que não faz parte do sistema econômico industrial, e nem, é oriundo de sistemas formais de representação política, pois seu conflito está na vida cotidiana.

É interessante considerar que, ao longo da vida estamos na construção de interligações em redes, segundo Castells (2008), a primeira rede da qual fazemos parte é a família, nesta, os nós são os familiares e todos eles se comunicam, trocam experiências e se ajudam para o bem comum. Outra rede que integramos é a escola, uma vez que nela também há a comunicação e a troca de experiências que formam uma rede um pouco mais abrangente até chegarmos a uma rede mais ampla, o que se pode entender como a sociedade. Na sociedade estamos integrados num determinado contexto social, fazemos inevitavelmente parte de um conjunto de redes, das quais não nos podemos desagregar.

Os movimentos sociais em redes caracterizam-se por articular a heterogeneidade de diversos sujeitos sociais e compreendem vários níveis organizacionais, que vão desde agrupamentos de base às organizações de mediação e espaços mais amplos como os de fóruns às redes políticas de articulação.

O cotidiano das mulheres da RMPP vai além da produção econômica, pois elas realizam encontros presenciais constantes (reuniões, seminários, assembleias, etc.) e esses espaços são muito valorizados por elas, haja vista que é neles onde ocorrem os debates, as trocas de experiências, a construção de saberes, os vínculos mais duradouros no interior da rede.

A emergência das mulheres rurais nos movimentos sociais proporcionou seu aparecimento como sujeitos políticos, rompendo sua invisibilidade como trabalhadoras. Nesse sentido, os sujeitos coletivos dos novos movimentos não lutam apenas para sua inclusão nos sistemas das organizações políticas ou para obter benefícios materiais, mas envolve a construção de novas culturas, identidades, linguagens e hábitos.

A participação das mulheres na RMPP não só solidificou a cooperação e

interligação dos membros locais para um objetivo comum, como também, contribuiu para o empoderamento desses sujeitos influenciando no capital social. Neste sentido, o capital social torna-se um instrumento eficiente para a promoção do desenvolvimento local, onde a atuação dos sujeitos, em busca de melhorias no local onde vivem, passam a evidenciar essa importância.

De acordo com Bourdieu (2008), o capital social ilustra as circunstâncias, nas quais as pessoas podem aproveitar sua participação em grupos e redes para conquistar méritos e alcançar objetivos. Trata-se de um instrumento da ação coletiva, uma espécie de força tarefa que ajuda a ativar as redes sociais promovendo outros tipos de capitais como solidariedade, confiança. Segundo o autor, são recursos como esses que ressaltam a acumulação, conversão e reciprocidade.

As mulheres rurais da RMPP, em sua maioria, revelam que antes de participar de grupos produtivos, eram donas de casa e sobreviviam do roçado. Aos poucos e com o apoio da Casa da Mulher do Nordeste, ONG que atua na região do Pajeú, e com instituições parceiras como Diaconia, Centro Sabiá, Grupo Mulher Maravilha, IPA, etc., foram convidadas a participar de encontros, reuniões, cursos, capacitações que favoreciam a produção de artesanatos a partir dos potenciais locais, visando valorizar e dar visibilidade ao conhecimento e as capacidades das mulheres agricultoras e suas formas de inserção na organização do trabalho da agricultura familiar, além de construir coletivamente caminhos para superação das situações de desigualdade. Com essas mobilizações em toda região do Pajeú, foram sendo criados grupos e as mulheres foram interagindo, favorecendo o crescimento no quantitativo de grupos, à medida que a quantidade de grupos foi aumentando, as mulheres sentiram a necessidade de construir uma instituição onde pudessem trabalhar em rede, hoje a RMPP.

Ao estreitar as distâncias entre os saberes nos movimentos sociais com os saberes e realidades locais de sujeitos da agricultura familiar, as formações se enobrecem com as dinâmicas culturais, produtivas e sociais do local. Os sujeitos aprendem na interação, no diálogo, na vivência, enfim uns com os outros. Tal afirmação vem justamente reforçar a ideia de que o sujeito que ensina, neste caso, os “movimentos sociais de mulheres” não é melhor que o sujeito que aprende “as mulheres rurais”. Embora o ser que ensina apresente e domine conteúdos que o ser que aprende ainda não possua, o que ensina não é superior, mas juntos fazem parte do processo de ensino e aprendizagem e ambos são sujeitos importantes na construção do saber. E é a essa perspectiva sobre os saberes a que este estudo se refere, é o saber articulado com o

“saber-fazer” e que se associa também com uma dimensão política e social, é o saber que valoriza o indivíduo e reafirma que “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” Freire (2002, p. 25).

É importante ressaltar, que a RMPP, assim como os novos movimentos não faz parte do sistema econômico industrial, e nem, é oriundo de sistemas formais de representação política, pois, seu conflito está na vida cotidiana. A RMPP é um movimento construído no âmbito do desenvolvimento local, onde as participantes ocupam posições relativas na mobilização de recursos e na elaboração de projetos sendo estas responsáveis por sua gestão e desenvolvimento, bem como por sua durabilidade.

Em suma, os movimentos em redes vêm criando utopias de transformação e construindo espaços para o empoderamento, na medida em que contribui para mudança na qualidade de vida, a exemplo da RMPP, espaço onde mulheres de comunidades rurais, muitas delas, antes excluídas de vínculos sociais, e desvalorizadas na sua capacidade de gerir suas próprias vidas, vêm construindo sua autonomia a partir do potencial local e contribuindo com o desenvolvimento da região do Pajeú.

2.2 - Desenvolvimento Local

Quando se fala em desenvolvimento, reporta-se logo a uma estratégia para o crescimento de algo. Porém, a noção de desenvolvimento local não está associada exclusivamente ao aspecto econômico, mas, é também percebido como um processo multidimensional, envolvendo a comunidade impregnada de história, suas relações com instituições e sua capacidade de conduzir seu próprio destino. Esse desenvolvimento pode ser econômico e social, e deve garantir a melhoria na qualidade de vida a partir do potencial local de forma integral.

É nesse sentido que se compreende o desenvolvimento local, que as mulheres da RMPP produzem partindo das potências locais, e, se articulam para acessar políticas públicas de diversas áreas do segmento produtivo e da agricultura familiar, como: artesanato, beneficiamento de frutas, viveiro de mudas, criação de animais de pequeno porte, etc.

De acordo com Buarque (2002) o desenvolvimento local parte de um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população. Para o autor, as iniciativas endógenas demandam normalmente um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas

capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

Na mesma sintonia, Oliveira (2001), entende que essa perspectiva local do desenvolvimento corresponde às noções como as de desenvolvimento humano, cidadania, bem-estar e qualidade de vida. Para o autor, “o desenvolvimento local é uma noção polissêmica e necessariamente comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania” (OLIVEIRA, 2001, p. 2). E para Jesus (2003, p.72). o “desenvolvimento local pode ser entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições [...] da sociedade local, [...] superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local”.

O desenvolvimento local deve, ainda, assegurar sua conservação, que considera a base das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local (BUARQUE, 2002). Ainda de acordo com esse autor, para ser consistente e sustentável esse modelo de desenvolvimento, deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local.

A partir desse contexto sobre desenvolvimento local, é possível compreender que o mesmo, está vinculado ao processo de utilização e valorização de capacidades endógenas, e isso implica na participação de sujeitos sociais do local. Nesta direção, a fim de catalisar as potencialidades locais, um dos princípios da RMPP é fortalecer a organização produtiva das mulheres contribuindo para sua autonomia econômica e política através do seu capital social e da ação em rede.

Para Portugal (2014, p.14), “o conceito de capital social tem muito em comum com o conceito de rede”. A autora observa que “tal como o conceito de rede, o conceito de capital social popularizou-se, extravasou limites disciplinares e ultrapassou as fronteiras das comunidades acadêmicas, sendo hoje discutido em áreas diversas, como: na sociologia, na economia, na educação e na política” (PORTUGAL, 2014 p.15).

Nesse contexto, a definição de capital social se destaca nas discussões científicas e nos procedimentos empíricos a partir do entendimento de variáveis como reciprocidade, cooperação e solidariedade. No entanto, uma das primeiras análises do conceito foi realizada por Bourdieu (2008, p.67), que explica ser o capital social como:

O conjunto de recursos ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à

vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também, são unidos por ligações permanentes e úteis.

Segundo Coleman (2001) a ideia de capital social deve ser concebida como um bem público, uma vez que está ligado diretamente às relações entre indivíduos. Para esse autor, o capital social, se define por sua função e constitui um tipo particular de recurso à disposição do sujeito social. Putnam (2005), também aborda o capital social a partir de características da organização social, como, por exemplo, redes, normas e confiança, que facilitam a cooperação e a coordenação em benefício mútuo. E, Franco (2001), diz que, o capital social, destaca valores e atitudes de confiança, reciprocidade e cooperação, e, não são apenas essas expressões e virtudes pessoais que favorecem ao desenvolvimento, mas que, somente a partir da dimensão coletiva, é possível a geração do capital social para o desenvolvimento local. Para Matos (2009), as trocas de informações ou, mais amplamente, à comunicação e a conversação cotidiana é parte significativa da socialização e integração cultural, de modo que contribui para a constituição de redes de interação, confiança e laços de solidariedade, ou seja, elementos que sustentam o conceito de capital social. Matos (2009) ainda ressalta que, o conceito de capital social está estreitamente relacionado com as interações nas redes por meio de práticas comunicativas “esse conjunto de trocas sociais guiadas pelas normas de confiança e reciprocidade pode contribuir para o desenvolvimento do capital social” (MATOS, 2009, p.70).

E é nesse enfoque de colaboração mútua, entre a conexão dos sujeitos sociais, aliados a atitudes de confiança, de reciprocidade, de cooperação e práticas comunicativas que as mulheres da RMPP se fortalecem e transformam suas realidades. Nesse sentido, o capital social funcionou como mola propulsora do desenvolvimento da RMPP, visto que, a união dos sujeitos sociais da rede visa proporcionar a melhoria na qualidade de vida contribuindo com o desenvolvimento local. Esse esforço contribuiu/contribui para o desenvolvimento dessa organização que acumula mais de seis anos de existência e continue cada vez mais atuante.

Com isso, pode-se entender que a organização em redes é uma ferramenta que serve para impulsionar e estimular grupos de indivíduos com objetivos comuns para transformar suas realidades e os espaços de socialização presentes na cotidianidade dos indivíduos são os principais referenciais para a formação das ações coletivas.

As mulheres da RMPP revelam neste estudo, simbologias e significados a partir

das suas representações sociais, traduzindo suas vidas antes e depois da participação em movimentos sociais, e a partir disso, destacam várias mudanças, não só na melhoria da estrutura econômica, pessoal e familiar, como também, no empoderamento e participação em espaços políticos e sociais. É sabido que qualquer sujeito quando participa de espaços coletivos não deixa de fora suas outras instâncias de saberes, pois trazem toda experiência construída anteriormente, como adverte Freire (2002, p.39) no que diz respeito a aceitação de que todo conhecimento novo pode substituir o já existente, mas “o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo”. Os saberes dos sujeitos pesquisados sendo valorizados provocará a promoção da ingenuidade para a criticidade.

Dessa forma, as representações sociais das mulheres sobre os saberes vêm sendo formada, dentro da interação nos movimentos sociais, tendo em vista que as representações são mutáveis dependendo do tempo histórico em que esses sujeitos sociais estejam inseridos.

As representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais trouxeram revelações diversas como: a criatividade, o senso crítico, o poder da autonomia, a melhoria da comunicação e da socialização. Para a pesquisadora esses conhecimentos, muitos construídos, outros aprimorados, durante as participações das mulheres rurais em movimentos sociais, precisam ser compartilhados para além dos espaços coletivos aos quais pertencem, e, se faz necessário que sejam acolhidos pelo espaço acadêmico, pois, se entende que ao estreitar a relação entre saberes não-formais e científicos é possível trocar experiências diversas e inovadoras que favorecem a construção de novos saberes. Conforme Freire (2011, p. 34), “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Dialogando com o pensamento de Freire, entende-se que o saber está em toda a parte, do conhecimento popular ao científico, e em toda troca de saberes haverá um aprendizado a ser aprimorado, representado e compartilhado.

Finalmente, com o propósito de se compreender a realidade das mulheres da RMPP, perguntamos: quem são essas mulheres? O que pensam? O que percebem? O que desejam? Foi necessário conhecer, seus anseios, suas subjetividades e as condições que levaram esses sujeitos sociais, a se unirem além das proximidades da vizinhança nas comunidades, pois, elas se encontram reunidas num mesmo contexto social e pelas mais diversas razões, construíram uma organização, regida pelos princípios da agroecologia, tornando-se perceptíveis e reconhecidas pelo que produzem em rede

colaborando com o desenvolvimento local.

2.3 - As Representações Sociais

As representações sociais têm se mostrado um campo de conhecimento importante para diversas áreas de estudo, em especial da sociologia, da antropologia e da psicologia social. Para apreender as representações construídas socialmente pelos sujeitos foi elaborada uma teoria conhecida como Teoria das Representações Sociais (TRS), que visa através de conceitos, métodos e técnicas próprias fornecer o referencial que possibilite tornar as representações sociais visíveis e compreensíveis em formas de prática social.

A TRS foi primeiramente apresentada, como tal, por Serge Moscovici, em sua obra “La Psicanalyse: Son image et son public” em 1961, na tentativa de dar conta de uma psicologia que se libertasse do paradigma individualista. Para esse autor,

[...] representar uma coisa é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, criam a impressão de realidade. (MOSCOVICI, 2012. p.46).

Ao recuperar o conceito durkheimiano de representações, Moscovici (2001), afirma que os estudiosos estavam mais preocupados com o caráter coletivo das representações do que propriamente com seu conteúdo ou sua dinâmica. Durkheim defendia que as representações coletivas tinham um papel conservador e integrador da sociedade e apresentavam formas estáveis de compreensão coletiva. Moscovici, por outro lado, apresentou o interesse pela transformação do senso comum e pelos processos que envolvem as representações que podem ser mutáveis ou não.

Partindo dos limites provocados pela inflexibilidade da própria noção de representação e pela dispersão das pesquisas realizadas pelas diferentes ciências, até então, Moscovici (2001) conclui que, tanto a sociologia, quanto a antropologia e a psicologia social, têm muitas contribuições a dar ao estudo das representações sociais. Isso porque, segundo ele, se as representações são geradas no social e reelaboradas pelo indivíduo, não são os substratos que devem nos interessar, mas a ação, o movimento, ou seja, as interações entre o individual e o social. Essa conotação é identificada quando o autor define uma representação social como sendo:

[...] um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, a de estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas a orientar-se em um mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, visa possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2012, p.21).

Dessa perspectiva, surgem os estudos produzidos por diversos pesquisadores, entre eles, os estudos de Jodelet (2001, p. 22), para quem o conceito de representação social é:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada entre outras do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

No processo investigativo apresentado neste trabalho, recorreu-se à TRS objetivando entender como as mulheres rurais da RMPP representam os saberes que construíram, enquanto participantes de movimentos sociais.

A representação social é tanto teoria quanto objeto de estudo dessa mesma teoria. Para Jovchelovitch (1998), sobre o pensamento de Moscovici em relação a teoria das representações sociais, o que se quer não é determinar uma teoria ‘forte e fechada’, mas uma perspectiva para se poder ‘ler’ os mais diversos fenômenos e objetos do mundo social, organizar os pressupostos básicos de sua teoria ao redor da complexidade do mundo social, e propositadamente abandonar o ‘microscópio’, pois não interessam as células e os genes, mas os seres humanos no contexto mais amplo das relações sociais.

Existem diversos métodos e técnicas nos estudos com a TRS, mas, aqui, citaremos apenas, as metodologias frequentemente utilizadas apontadas por Spink (1995), Souza Filho (1995) e Gatti (2005). Para esses autores, na etapa da coleta de informações são sugeridas técnicas como: observações, entrevistas, grupos focais, questionários, filmes, vídeos, coletas de documentos e gravações de áudio.

Para o desenvolvimento da pesquisa que resultou neste trabalho, utilizou-se a

observação participante, entrevistas semiestruturadas, e grupo focal. De acordo com Brandão (2006), a observação participante, permite a apreensão da sabedoria popular, ampliando o conhecimento sobre a realidade local onde se deseja pesquisar. Para Souza Filho (1995), a compreensão do fenômeno da representação social é iniciada na observação, pois ainda, não se pode falar em causa e efeito, mas, de interação entre elementos da realidade a serem objetivados. Nos estudos das representações sociais, segundo Spink (1995), as entrevistas semiestruturadas devem ser longas e em conjunto com levantamentos de documentos sobre o contexto social e os conteúdos históricos dos grupos estudados.

Além dessas técnicas de coleta já citadas, pôde ser utilizada ainda o *grupo focal*, potente meio de interação, de debate, de reflexão, que propicia a aprendizagem dos sujeitos sociais a partir do exercício da fala e da escuta. Segundo Gatti (2005), ao favorecer a exposição ampla de ideias e perspectivas, o grupo focal, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem as respostas, que com outros meios, poderiam ser difíceis de identificar. Ainda para a autora, o grupo focal é uma técnica ideal para se entender atitudes, preferências, necessidades, sentimentos e ideias dos sujeitos acerca de um determinado tema.

É importante pensar na representação social como uma forma de saber que, conforme Jodelet (2001) liga um sujeito (epistêmico, psicológico, social, coletivo) a um objeto (humano, social, ideal, material). Assim pode-se dizer que a representação social é sempre uma representação de um objeto e de um sujeito e são criadas ou recriadas nas trocas de conhecimentos das interações sociais.

Entende-se, portanto, que a comunicação, é um processo que cria e ao mesmo tempo é criado pela representação, de forma contínua que envolve não apenas a linguagem falada, mas também os gestos e as expressões de nosso cotidiano.

As mulheres rurais da RMPP ao participarem de movimentos sociais, ao realizarem viagens de intercâmbios, e se integrarem em diversas práticas cotidianas estarão elaborando suas próprias representações sociais sobre os saberes que construíram/constroem, baseados nas interações com outros sujeitos sociais que estão presentes nos mesmos espaços, contudo, ao ser partilhada uma representação social, estarão influenciando nas representações dos outros sujeitos e vice-versa, transformando as visões de mundo. É através da comunicação que os indivíduos se reúnem, e, afortunadamente, que algo passa do individual para se tornar social e vice-versa.

As representações sociais objetivam “transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar” Moscovici (2012, p.78). Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é o intuito das representações sociais. Esse processo transformador é determinado pela linguagem, imagem e pelas ideias compartilhadas por um dado grupo. As mulheres rurais da RMPP revelaram durante as entrevistas e o grupo focal, que antes de participarem de movimentos sociais tinham medo de falar em público, tremiam, ficavam pálidas, com vergonha etc. Quando perguntou-se, o porquê disso, uma delas respondeu: “*Acho que era um medo pela forma que fomos criadas, e também era um medo de falar sobre o que a gente não sabia, como não participávamos, então, não tínhamos o conhecimento*” (Guerreira do Xique-xique). Entende-se que, as representações criadas são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), no caso dos sujeitos dessa pesquisa, o falar em público não era familiar, era algo incomum, ou retratava para elas um sentimento de não familiaridade.

No entanto, a frequente participação das mulheres rurais da RMPP em movimentos sociais, nas diversas reuniões, com o exercício contínuo de falar em público, foi se tornando algo comum, e, o que estava longe, tornou-se alcançável, o que era incomum, tornou-se corriqueiro, familiar: “*Hoje a gente participa mais, a gente fala mais, perdemos o medo, como a gente participa muito temos o domínio melhor das coisas*” (Solidária do Xique-xique). Com a participação nos movimentos sociais, as mulheres ressignificaram os saberes sobre a comunicação e a socialização o que, as ajudaram a superar o problema do medo e da timidez: “*Antes eu morria de medo de falar, ficava branca igual a um papel*” (Guerreira do Xique-xique); “*Eu parecia um bicho do mato*”(Transformada do Xique-xique). Elas apreenderam os novos conhecimentos, os ajustaram, e os representaram no que foi possível, e aceitável, fazendo da prática do grupo, uma prática social. Guareschi e Jovchelovitch (2008, p. 70) sobre as representações sociais explica:

[...] longe de ser cópia ou reflexo do mundo exterior, a representação é uma construção ativa de atores sociais. Ela expressa, em seu modo de produção, em seus elementos constitutivos e em suas consequências na vida social, a complexidade das inter-relações entre mundos interno e externo, entre sujeitos individuais e as coletividades às quais eles pertencem, [...] e as realidades sociais.

Diante dessa observação de Guareschi e Jovchelovitch, uma representação social

não apenas traz em si uma forma de ver uma determinada realidade como também interfere nessa realidade, na medida em que se constituem formas de enfrentá-las e também estratégias de ação que estão pautadas nas percepções e vivências do indivíduo. Moscovici (2012) entende que as representações são tudo o que nós temos; aquilo a que nossos sistemas perceptivos e cognitivos se ajustam. Cada experiência seria somada a certa realidade predeterminada por convenções.

De acordo com esse autor, enquanto as representações, compartilhadas por tantas pessoas, influenciam a mente de cada uma delas, não são apenas pensadas por esses indivíduos, mas sim repensadas, representadas. “Elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2012, p.37). A transformação dos saberes leva a uma mudança de valores, que, conseqüentemente, irá influenciar nos relacionamentos sociais, na forma como o sujeito se percebe no mundo e com o outro, por exemplo, o que era certo para a geração anterior, não é para a geração atual.

As representações sociais são dinâmicas, explicativas, abarcando aspectos culturais, cognitivos e valorativos, possuindo dimensão histórica e transformadora. Como os sujeitos pesquisados foram as mulheres, pode-se pensar na representação social da mulher na atualidade, por exemplo, para além de ser mãe, desenvolve uma atividade profissional fora de casa. Esta representação social seria impensável em décadas passadas, onde a representação social da mulher era a de ser dona de casa e a cuidadora dos filhos e do esposo. As representações sociais correspondem a determinadas épocas e, por isso, podem ser mutáveis.

Visto que, as representações sociais podem ser instáveis, e que seu processo de construção tem como princípio transformar o que é desconhecido, não familiar, ou até ameaçador, em algo familiar, íntimo, ou ainda, comum, Moscovici (2012, p.69) salienta que as representações sociais originam-se de dois processos formadores, a ancoragem e a objetivação:

A ancoragem e a objetivação são maneiras de lidar com a memória, sendo que a primeira mantém a memória em movimento, rotulando objetos, pessoas e fatos que entram e saem; A segunda tira os conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior, para efetuar coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

A ancoragem é a integração cognitiva do objeto representado (ideias, relações, pessoas, fatos, etc.) a um sistema de pensamento social já existente. Ela transforma algo desconhecido em um sistema particular de categorias, fazendo com que o objeto adquira características desta categoria. Durante as discussões no grupo focal, ao serem indagadas sobre o que seria *Conhecimento*, as mulheres responderam: “É o único bem que ninguém toma”, “Saberes que transformam”, “É aprender e saber valer”, “Conjunto de informações” etc. Por outro lado, a objetivação é a materialização da palavra, é dar forma ou figura específica a um conceito abstrato. Afirma Moscovici (2012, p.40) que “somos compelidos a criar equivalentes formas não verbais para as palavras”. Assim, as palavras que puderem ser representadas são integradas a um núcleo figurativo, que se define por um complexo de imagens que reproduz um complexo de ideias, e uma vez que a sociedade adota este núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser a ele associado (MOSCOVICI, 2012). No caso do termo “*Rural*”, espaço compreendido no campo onde vivem as mulheres investigadas foram elencados por elas termos como: “*Agricultura*”, “*Roçado*”, “*Colheita*”, “*Lugar tranquilo*”, entre outras imagens que deram forma específica à ideia do *Rural*, e esta é uma das possibilidades oferecidas pelas representações sociais.

Para a pesquisadora, a elaboração das representações sociais dos saberes proporcionados pelos movimentos sociais começaram a aparecer, ainda, nas observações e mais tarde, nas entrevistas semiestruturadas e no grupo focal. No início das análises, foi possível identificar como esses sujeitos sociais representavam socialmente os saberes que elaboraram nos movimentos sociais, a partir da verbalização de palavras como: *conhecimento, fortalecimento, empoderamento, aprendizagem, autonomia, criatividade, autoestima, transformação, independência, segurança e, etc.* Essas palavras formaram um núcleo figurativo que segundo Moscovici, pode ser considerado como uma imagem estrutural que reproduz de forma visível um arcabouço conceitual. Com esse recurso foi possível compreender a imagem estrutural que as mulheres representam sobre os saberes construídos nos movimentos sociais, ou seja, uma forma de conhecimento que fortalece a pessoa e o grupo, que lhe confere poder. Os saberes são aprendizagens que contribuem para a autonomia, para a criatividade, elevando a autoestima e, como consequência, gera segurança.

Partindo dessa imagem estrutural das representações e dos meios utilizados para apreensão das informações, foram realizadas as análises que se deu por meio de

categorizações das informações, facilitada pelos processos de ancoragem e objetivação.

As representações sociais têm como fundamento o indivíduo e os grupos sociais e só podem ser construídas a partir dos mesmos, enquanto esses grupos vivenciam a tensão entre sua objetividade e subjetividade, experiência esta, contextualizada num determinado meio histórico e social. Para Moscovici (2012), a estrutura interna do pensar na sociedade é dividida em dois universos distintos, que não são opostos, mas possuem características próprias e se alimentam mutuamente em suas dimensões, são os universos consensual e reificado.

Para melhor esclarecer a constituição da própria sociedade que o autor chama de sociedade pensante, no universo consensual a sociedade seria uma criação visível, com sentido e finalidade. O ser humano é a medida das coisas, e também suas criações. A sociedade é constituída de pessoas livres e iguais, num espaço de conversação e das relações sociais, e todos podem falar sobre tudo. Já no universo reificado, a sociedade é transformada em sistema de entidades sólidas, que não possuem identidade e cujos membros ignoram as próprias criações sociais. Haveria um sistema de diferentes papéis e classes, cujos representantes são desiguais, portanto neste, só participam os *experts*.

O universo “consensual seria o das representações sociais, do senso comum, o universo dos amadores, curiosos, leigos que, através de práticas interativas cotidianas, compartilham ideias e interpretações do mundo” (MOSCOVICI, 2012, p.49-51), produzindo as suas próprias representações sociais. O universo “reificado seria o do conhecimento científico, portanto é considerado um universo diferente e desigual” (MOSCOVICI, 2012, p.49-51), onde não é qualquer pessoa que possui o poder de falar sobre determinados conhecimentos.

O universo consensual, compreendido neste trabalho, seriam as práticas interativas desenvolvidas nos espaços onde as mulheres rurais constroem ou construíram suas representações sociais sobre os saberes, a partir das experiências cotidianas nos diversos espaços de interação que participam, como, nas comunidades rurais ao compartilhar ideias com os familiares e vizinhos, nos movimentos sociais durante as reuniões, etc. Enquanto que o universo reificado, corresponde ao conhecimento formal produzido no espaço acadêmico, por exemplo. Esse universo fundamenta as pesquisas, mas também se alimenta dos resultados da investigação. No caso da pesquisa ora concluída, o universo reificado fundamentou teoricamente a investigação e os achados poderão contribuir com esse mesmo universo, ou seja, as

considerações acerca das representações sociais apreendidas das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais, oferecem novos elementos ao universo reificado.

A partir dos conceitos que são trabalhados na TRS, o familiar e não familiar, o universo consensual e o universo reificado, a ancoragem e a objetivação, guiados pelos objetivos do estudo, e, associados às informações apreendidas com as técnicas metodológicas utilizadas, elaborou-se três categorias das representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais. As representações sociais sobre os saberes: a) aprimorados pela comunicação; b) da construção da autonomia/poder; c) da criatividade.

Os saberes construídos nos movimentos sociais representados pela *comunicação* faz referência às representações sociais das mulheres rurais que veem nas falas, nas discussões, e na interação com outros sujeitos sociais a construção de conhecimentos. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados pela *autonomia/poder* correspondem as representações sociais das participantes da pesquisa que enxergam o conhecimento como um instrumento para o empoderamento, e, para transformação das relações de poder. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados pela *criatividade* faz alusão às representações sociais desses sujeitos sociais sobre as habilidades desenvolvidas/aprimoradas nos movimentos sociais. Desta forma, foi possível compreender como as mulheres rurais representam socialmente os saberes construídos diante da aproximação/ancoragem e a materialização/objetivação dos conhecimentos de uma forma mais familiar.

As mulheres rurais da RMPP se apropriaram da produção coletiva nos movimentos sociais, e nestas relações, construíram e ressignificaram saberes, acerca de diversos temas e representaram socialmente os valores sobre os quais a coletividade criou uma ideia comum que ultrapassou os aspectos econômico e social, visto que, estimulou a criatividade, o empoderamento, como também, elevou a autoestima, além da melhoria na comunicação e no convívio com as pessoas. As mulheres acreditam, ainda, que os saberes construídos nos movimentos sociais, contribuíram para o desenvolvimento local, pois, entendem que essa perspectiva envolvendo os saberes que acumularam corresponde às noções, como as de desenvolvimento humano, cidadania, bem-estar e melhoria na qualidade de vida.

3. Considerações finais

Os movimentos sociais vêm desenvolvendo saberes no meio rural que não podem passar despercebido. As ações coletivas através de lutas e implantações de atividades da extensão rural que colaboram para o fortalecimento de comunidades rurais têm ajudado a construir conhecimentos, cultivar identidades, valores e elaborar representações sociais para novas possibilidades de inclusão dos sujeitos sociais.

Essa pesquisa, ora concluída, analisou como as mulheres rurais da RMPP representam socialmente os saberes construídos nos movimentos sociais. Para isso, buscou-se identificar essas representações durante a participação desses sujeitos na RMPP, além de compreender as influências dessas representações sociais sobre as suas vidas, na família e nos grupos coletivos, e, reconhecer a contribuição que as representações sociais dos saberes elaborados pelas mulheres da RMPP imprimiram ao desenvolvimento local.

O referencial teórico metodológico das representações sociais teve como função revelar as diversas formas de conhecimentos e vivências das mulheres rurais construídas nos movimentos sociais em especial na RMPP. A TRS foi importante para responder ao problema de pesquisa conduzido pela indagação: como os saberes construídos na dinâmica dos movimentos sociais promoveram/promovem mudanças na vida desses sujeitos sociais, e se esses saberes contribuíram/contribuem para o desenvolvimento local. Vale ressaltar que a observação participante, as entrevistas e o grupo focal proporcionaram uma maior liberdade e autonomia tanto à pesquisadora como aos pesquisados, no decorrer da coleta das informações que colaboraram para o entendimento da realidade dos sujeitos sociais do contexto estudado.

A participação constante nos movimentos sociais proporcionou saberes que estimularam nas pesquisadas a melhoria na comunicação, contribuíram para o empoderamento e para o aprimoramento das habilidades, além de haver propiciado um melhor convívio com as pessoas, a efetivação de laços de amizade, momentos de lazer e solidariedade, colaborando, ainda, para a melhoria da autoestima e bem-estar social. A revelação desses saberes permitiu compreender o quanto a produção de conhecimentos diversos constitui e reforça a identidade dos grupos, reconstituem o pensamento e influem em suas práticas sociais.

Diante do exposto, é possível inferir que os objetivos propostos foram

alcançados em meio aos resultados obtidos e categorizados, como, as representações sociais dos saberes enquanto *comunicação, autonomia/poder e criatividade*.

Não se pretendeu esgotar, nesta pesquisa, todas as discussões sobre as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais, pois as representações sociais podem ser mutáveis em determinados momentos sociais, econômicos e culturais.

Contudo, para a pesquisadora esses conhecimentos, muitos construídos, outros aprimorados, durante as participações das mulheres rurais em movimentos sociais, precisam ser compartilhados para além dos espaços coletivos aos quais pertencem, fazendo-se necessário acolhê-los na esfera acadêmica, uma vez que, ao estreitar a relação entre saberes não-formais e científicos é possível trocar experiências diversas e inovadoras que favoreçam a construção de novos saberes. Além dessa dimensão, se faz necessário políticas públicas de valorização, reconhecimento e financiamento da produção do conhecimento e dos saberes das mulheres rurais.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9.ed.Campinas, SP: Papirus, 2008.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **O poder da Identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 2000.
- CERTEAU, Michel de et. al. **A invenção do cotidiano II – Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COLEMAN, James S. **Capital social y creación de capital humano**. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de. (Comps.). **Capital social**. Zona abierta. 2001.
- DA SILVA, Nádja P. Gonçalves: **O ambiente e a biodiversidade de Afogados da Ingazeira**: Monografia. Uma proposta de ensino interdisciplinar.Campina Grande, 1997.
- FRANCO, Augusto de. **Capital social - Leituras**. Brasília: Instituto de Política, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 21ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). **Texto em representações sociais**. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.
- JESUS, Paulo de. Antonio David Cattani (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores. 2003.
- JODELET, D. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais: para uma fenomenologia dos**

- saberes sociais.** Psicologia e Sociedade, Petrópolis, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.
- LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da Pesquisa na Saúde.** Santa Maria: Palloti, 2001.
- MATOS, Heloísa. **Capital social e comunicação.** Interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis, Vozes, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais.** Investigações em psicologia social. 9.ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012
- _____ **Das representações coletivas às representações sociais: Elementos para uma história** In JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Polis, FGV, 2001.
- PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DO SERTÃO DO PAJEÚ: Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA e Secretaria do Desenvolvimento Territorial- SDT, 2011.
- PORTUGAL, Sílvia. **Famílias e redes sociais: Ligações fortes na produção de bem-estar.** Edições Almedina, Coimbra: 2014.
- PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia.** 4.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2005.
- SOUZA FILHO, E. A. **Análise de representações sociais.** In: SPINK, M. J. P. (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 109-145.
- SPINK M.J.P. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais** In: Guareschi P, Jovchelochi S, organizadores. Textos em Representações Sociais. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1995.
- _____ **O estudo empírico das representações sociais.** In: SPINK, M. J. P. (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995a. p. 85-108.

APÊNDICES

1.1 Roteiro de Entrevistas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM AFOGADOS DA INGAZEIRA-PE.

Coordenadora da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú-PE

Nome:		
Idade:	Cor/Etnia:	Estado civil:
Grau de escolaridade/ Profissão:		
Reside em:		
Tempo de atuação na Rede:		Contato:

Dependentes que moram na mesma casa:

Nome	Grau de Parentesco	S e x o	Idade	Local de Nascimento: Estado/Município/Comunidade

1. Como foi constituída a RMPP?
2. Como se deu a sua entrada na RMPP?
3. Já vivenciou outra experiência com grupos?
4. Quais as experiências que trouxe para a RMPP?
5. Para você o que significa Rede?
6. Porque trabalhar com grupos produtivos em rede?

7. Atualmente quantos grupos produtivos estão inseridos na RMPP?
8. Em que espaços de representação política a RMPP é atuante no Sertão do Pajeú?
9. Quais são as principais fontes de recursos da RMPP?
() Governo () Cooperação Internacional () Empresa Privada
() Outra (especificar)_____
10. As mulheres participantes da rede são assessoradas de alguma forma?
11. Existe a participação das mulheres no processo de planejamento, ações e projetos da rede? Como se dá essa participação?
12. Existem dificuldades em trabalhar com mulheres rurais?
13. Quais foram as aprendizagens que os movimentos sociais lhe trouxeram?
14. Em sua opinião, os movimentos sociais promovem informações, saberes para as mulheres rurais?
15. No seu entendimento, a participação das mulheres rurais na RMPP e em outros movimentos sociais, tem contribuído com mudanças de vida?
16. Os movimentos sociais e a RMPP contribuem de alguma forma na vida das mulheres rurais na relação entre esposo/filhos(as)/família?
17. A RMPP tem contribuído de alguma forma com a relação das mulheres rurais na comunidade?

1.2 Roteiro de Entrevistas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RURAIS SOBRE OS SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM AFOGADOS DA INGAZEIRA-PE.

Participante da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú-PE

Nome:		
Idade:	Cor/Etnia:	Estado civil:
Grau de escolaridade/ Profissão:		
Reside em:		
Tempo de atuação no Grupo Produtivo:		
Tempo de atuação na Rede:	Contato:	

Dependentes que moram na mesma casa:

Nome	Grau de Parentesco	S e x o	Idade	Local de Nascimento: Estado/Município/Comunidade

1. Por que resolveu participar de grupos produtivos?
2. Como o grupo se interessou em participar da RMPP?
3. Para você o que significa Rede?
4. Em sua opinião, por que trabalhar em Rede?
5. Você participa das decisões e planejamento no grupo produtivo ou na RMPP?
6. Participa de alguma outra associação, redes, sindicatos, ou fóruns? De que forma?
7. Enfrenta dificuldades para participar desses espaços?
8. Qual a atitude do esposo/filhos (as)/família em relação a essa participação?

9. Como avalia sua participação nos momentos de discussão e decisão nos Movimentos sociais, Redes e grupos?
10. Em sua opinião, como se sente depois que começou a participar de grupos produtivos, RMPP e de movimentos sociais?
11. No seu entendimento, a participação em Redes, em grupos produtivos e em movimentos sociais tem contribuído de alguma forma na sua vida?
12. Percebe se seu trabalho é valorizado por parte do seu esposo/filhos e comunidade?
13. Como você percebe sua carga de trabalho? Há contribuição do esposo/filhos(as) nas atividades domésticas?
14. Como é o seu relacionamento com a comunidade?
15. Como é seu relacionamento com as mulheres que participam do grupo produtivo e da RMPP?
16. A convivência com movimentos sociais, grupos produtivos, e a RMPP tem lhe proporcionado algum (uns) ensinamento(os)?
17. Você percebe alguma mudança na família após sua participação em movimentos sociais?
18. Como descreveria sua vida hoje em relação ao passado? O que mudou?
19. Quais seus sonhos e perspectivas em relação a você e sua família e grupo produtivo?

2. FOTOS DAS MULHERES DA RMPP EM SUAS MÚLTIPLAS ATUAÇÕES



Figura 2- As mulheres em encontros da RMPP.



Figura 3 - As mulheres em oficinas de design para aprimorar os produtos.



Figura 4- As mulheres do grupo Retalhos do Pajeú na produção de colchas em retalhos.



Figura 5 - As mulheres do grupo Xique-Xique na produção de compostas e doces.



Figura 6- A feira agroecológica e a participação das mulheres da RMPP.



Figura 7- Loja itinerante onde são comercializados os produtos artesanais.



Figura 8- A comercialização dos produtos no Trailer.



Figura 9- As mulheres comercializando os produtos no Trailer.



Figura 10- A pesquisadora e as mulheres da RMPP durante o grupo focal.



Figura 11- A pesquisadora e as mulheres da RMPP.

ARTIGO CIENTÍFICO

AS MULHERES RURAIS E OS SABERES CONSTRUÍDOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL: Um estudo de representações sociais.

**Alexsandra Maria de Siqueira
Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa**

Resumo

Este artigo analisa as representações sociais de mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais do município de Afogados da Ingazeira-PE. O referencial teórico-metodológico utilizado foi o da Teoria das Representações Sociais. Os saberes representados socialmente foram categorizados em: comunicação; autonomia/poder; e criatividade. Conclui-se que, os saberes desenvolvidos pelas mulheres nos movimentos sociais contribuem para o desenvolvimento local, na perspectiva que corresponde a cidadania, bem-estar e melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Mulheres Rurais. Movimentos Sociais. Desenvolvimento Local.

Abstract

This article analyze the social representations of rural women on the knowledge built in social movements municipality of Afogados da Ingazeira-PE. The methodological theoretical framework used was that of social representations. The knowledge represented socially were categorized into: communication; autonomy / power; and creativity. In conclusion, the knowledge developed by women in the social movements contribute to local development with a view corresponding to citizenship, well-being and improved quality of life.

Keywords: Rural Women. Social Movements. Local Development.

1. Introdução

Este artigo é resultado de vários estudos que teve início com o desenvolvimento de um trabalho de consultoria na região do Sertão do Pajeú no estado de Pernambuco, fruto de um convênio entre o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Essa consultoria teve o objetivo de ampliar o acesso das mulheres rurais às políticas públicas. Os estudos encontraram sua continuidade na pós-graduação, espaço que possibilitou a ampliação teórica e metodológica.

Durante o desenvolvimento desses estudos, foi possível observar o cotidiano das mulheres rurais participantes de movimentos sociais de mulheres do Pajeú. Esses sujeitos sociais ao mesmo tempo em que estavam envolvidas em ações nos movimentos sociais, também estavam presentes em grupos produtivos ligados a uma rede conhecida como Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP). Esse envolvimento conduziu a busca pelo entendimento de como essas mulheres se percebem participando desses movimentos, e de como os saberes construídos na dinâmica dos movimentos sociais promovem/promoveram mudanças nas vidas desses sujeitos sociais. Essa busca foi possibilitada pelo curso de mestrado em *Extensão Rural e Desenvolvimento Local* da UFRPE. Assim, fez-se necessário uma imersão no cotidiano dessas mulheres, sobretudo no dia a dia delas nos movimentos sociais, a fim de compreender como elas representam socialmente os saberes construídos na dinâmica dos movimentos sociais e como esses saberes contribuem para a transformação dos sujeitos que integram a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP) e para o desenvolvimento local.

A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú é uma associação de direito privado sem fins lucrativos que existe desde o ano de 2005. Atualmente é composta por 28 grupos, e é uma organização gerida pelas próprias mulheres com a pretensão de minimizar a pobreza das mulheres rurais e urbanas na região do Pajeú. Uma das bandeiras da Rede é a agroecologia e a construção de uma economia solidária, se comprometendo com uma vida mais justa e sem exclusões.

O cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa se desenvolve no município de Afogados da Ingazeira. Esse município encontra-se na mesorregião do estado de Pernambuco e micro região do alto Pajeú, a uma distância de aproximadamente 386

km da capital pernambucana (SILVA, 1997). Os aspectos físicos do município de Afogados da Ingazeira são constituídos de clima predominantemente semiárido, quente e seco, e a temperatura variável na região é entre 20° C e 36°C. A pluviometria média é em torno de 658,7 mm por ano, com chuvas mal distribuídas, evidenciando um grande período de seca.

A pesquisa teve como objetivo geral, analisar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais localizados no município de Afogados da Ingazeira -PE. E, como objetivos específicos: - Identificar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes que construíram durante a sua participação na RMPP; - Compreender as influências das representações sociais, sobre os saberes elaborados pelas mulheres durante a sua participação nos movimentos sociais, nas suas vidas, na família, e nos grupos coletivos; - Reconhecer a contribuição das representações sociais dos saberes elaborados pelas mulheres da RMPP para o desenvolvimento local.

Para apreender as representações sociais dos sujeitos da pesquisa, utilizou-se como aporte teórico-metodológico, a *Teoria das Representações Sociais* – TRS, pois, importou considerar as memórias dessas mulheres, os seus casos e fatos marcantes, destacadamente, os saberes produzidos por elas na caminhada junto aos movimentos sociais. Nesse sentido, a TRS corrobora com a preocupação sobre a produção dos saberes sociais, porém não de qualquer saber, mas dos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1998).

A natureza da pesquisa é do tipo qualitativa e, segundo Leopardi (2001), na prática de uma pesquisa qualitativa, o pesquisador envolve-se com a vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa, compreendendo um problema a partir da visão, vivências, aflições, desejos, anseios e sentimentos destes sujeitos. Contudo, esse envolvimento não interfere na distância necessária entre os sujeitos estudados e o pesquisador, preservando assim, o objeto de pesquisa.

Em sintonia com as metodologias utilizadas na pesquisa qualitativa onde se trabalha com opiniões, representações, posicionamentos, atitudes, etc., foram realizadas, observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo focal, técnicas muito utilizadas nos estudos das representações sociais. Tanto as entrevistas como o grupo focal tiveram como participantes, mulheres rurais que fazem parte da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú (RMPP), mais especificamente nos debruçamos sobre as falas das mulheres rurais que residem na cidade de Afogados da Ingazeira.

Quanto à observação participante, a pesquisadora utilizou-se do diário de campo para registrar todas as informações relevantes ao objeto da pesquisa, procurando aproximar-se das vivências das mulheres rurais nas comunidades e nos movimentos sociais, para melhor compreender os hábitos e as práticas sociais dos sujeitos pesquisados.

Para acessar as representações sociais, foi constituída uma amostra de sujeitos, que por suas experiências na RMPP, contribuíram com os objetivos da pesquisa: Mulheres rurais com maior tempo de participação na RMPP; Mulheres rurais com menor tempo de participação na RMPP e Mulheres rurais que saíram da RMPP. Foram ainda realizadas entrevistas com a coordenação da RMPP. Essas mulheres, residentes do município de Afogados da Ingazeira-PE, pertencem a três grupos produtivos da RMPP, assim denominados: Retalhos do Pajeú, da comunidade de Curral Velho; Raízes do Campo, da comunidade de Queimadas; e Xique-Xique, da comunidade de Monte Alegre.

As entrevistas foram realizadas com 10 mulheres rurais (idade mínima de 32 anos e máxima de 61 anos), e o grupo focal foi composto por 8 participantes, também dos grupos produtivos já mencionados. No grupo focal, além da moderadora, foi possível contar com uma observadora que contribuiu com os registros adicionais às falas, como os silêncios e os gestos dos sujeitos sociais durante o trabalho grupal, visando garantir o enriquecimento das informações.

As mulheres foram entrevistadas, em torno de uma hora por participante, em um espaço de apoio da feira agroecológica que acontece todos os finais de semana no centro da cidade. Nas entrevistas foram utilizados roteiros e gravadores de áudio.

Durante o desenvolvimento do grupo focal, as mulheres foram organizadas em círculo, de modo a favorecer uma interlocução direta, conforme sugere Gatti (2005). Por aproximadamente duas horas as participantes expuseram suas opiniões, discutiram e relembaram fatos, o que possibilitou reunir um conjunto de informações para responder ao objeto da pesquisa.

As técnicas utilizadas para apreensão das representações sociais possibilitaram momentos agradáveis de trocas de experiências e saberes entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados.

Assegurar o sigilo acerca da identidade das participantes e o respeito às informações, além de reconhecer a credibilidade aos sujeitos da pesquisa, garantiu também uma discussão mais dinâmica. Para registrar as falas das mulheres nos

resultados e nas discussões foram utilizados nomes fictícios, a partir de termos citados por elas ao se auto identificarem durante as entrevistas e o grupo focal.

A maioria das mulheres pesquisadas frequentam os movimentos sociais a mais de dez anos, e, após as vivências nos movimentos, elas se auto identificam como: empoderada, sabida, guerreira, transformada, corajosa, solidária, fortalecida, participativa, articulada e comunicativa.

Em relação ao tratamento das informações na TRS, segundo Spink (1995) a análise é demorada, e, é centrada na totalidade do discurso, e por consequência, acaba envolvendo um número menor de sujeitos. As análises da pesquisa seguiram os fundamentos citados por Spink (1995), onde primeiramente, foram transcritos os conteúdos das entrevistas e do grupo focal, em seguida foram feitas por várias vezes a leitura flutuante do material, intercalando entre a escuta e a leitura. Os fragmentos das transcrições que se referiam ao objeto estudado e outros comentários relevantes à análise foram sendo realçados em *itálico*, neste processo, foram se delineando as representações sociais sobre os saberes, que em seguida foram organizadas em três categorias: a) aprimorados pela comunicação; b) da construção da autonomia/poder; c) da criatividade. Essas categorias e suas análises serão evidenciadas mais adiante, onde se configuram os resultados e discussões do trabalho.

2. Movimentos Sociais

Na atual conjuntura de mundo globalizado, os movimentos sociais podem ser compreendidos como, tradicionais ou novos movimentos. Esses movimentos, geralmente são contextualizados em torno das transformações ocorridas na economia, na amplitude dos mercados, e pelas modificações nas formas de organização da produção. Situando-se na perspectiva de novos movimentos de Melucci (2001, p.32), o movimento ou ação coletiva comporta o sentido de inter-relação, de cooperação entre as pessoas que estão interligadas, conectadas em torno de determinado foco de interesses e oportunidades mútuas.

A discussão sobre os novos movimentos se faz pertinente, para que se compreenda o papel e as características dos movimentos sociais contemporâneos, em especial os que revelam as mulheres rurais que estão reunidas numa ação coletiva, como é o caso da RMPP, que ao longo da trajetória de luta pelos direitos econômicos, políticos e sociais se constituiu e sobrevive da mobilização das próprias mulheres. No

entanto, para uma melhor compreensão sobre os novos movimentos, recobremos os ditos movimentos sociais tradicionais.

Na corrente marxista, o movimento social era visto como sinônimo de movimento operário. Mas, a partir das décadas de 70 e 80 do século vinte, houve uma renovação teórica, analisando, por exemplo, movimentos reivindicatórios de bens, de melhorias coletivas, de camponeses, dentre tantos outros fora das camadas operárias. Já a corrente americana surgiu no contexto histórico de uma sociedade marcada pela ideia de reformas e progresso, tendo a orientação de promover a reforma social de uma sociedade convulsionada em direção ao que se entende como seu verdadeiro caminho, de harmonia e estabilidade. A corrente europeia se assemelha à americana, mas diferencia-se por não centralizar suas análises nos sujeitos, fundamentando sua estrutura analítica, especialmente, pela ideia de uma identidade coletiva (GOHN, 2011).

No decorrer do século vinte, de acordo com Castells (2000), novas abordagens teóricas sobre os movimentos sociais surgiram, em uma conjuntura intelectual de críticas aos modelos tradicionais. O autor ressalta que se perdeu o poder explicativo dos movimentos tradicionais, e as ações coletivas agenciadas pelos novos movimentos sociais vieram a preencher esse espaço. Em síntese, esses modelos de movimentos sociais tradicionais, já não se identificam com os modelos da atualidade, que correspondem ao da multiplicidade dos sujeitos e suas pluralidades reivindicatórias. Para Gohn (2011), as ideias centrais dos novos movimentos devem situar-se em uma sociedade pós-industrial, pós-moderna e reflexiva.

A partir desses pressupostos críticos, autores como, Melucci (2001) e Castells (2000), passaram a investigar os movimentos sociais, à luz de esquemas interpretativos que enfocavam a cultura, a ideologia, as lutas do cotidiano, a solidariedade entre os grupos e a constituição de identidades coletivas, dando sentido a um novo enfoque teórico de interpretação dos movimentos sociais.

As novas teorias sobre os movimentos sociais vêm tentando compreendê-los a partir dos sujeitos, das estruturas, da ideia de autonomia, ou da sua dependência. Desta forma, procuram focar os movimentos sociais numa nova orientação teórica, por entenderem que as características dos novos movimentos sociais apontam para a necessidade de captarem a nova dinâmica destes movimentos e dos novos sujeitos.

Para se referir às articulações dos fenômenos coletivos, Melucci (2001), prefere falar em redes de movimentos. No entendimento do autor, a ideia de rede reflete melhor a forma de ser e de se expressar dos movimentos, ou seja, é uma rede de pequenos

grupos imersos na vida cotidiana, que exige das pessoas envolvimento e solidariedade na experimentação e na prática da inovação cultural. Nessa direção, Portugal (2014), afirma que a expressão “rede”, tem na atualidade uma popularidade crescente. A ideia de redes permite extrapolar a exigência de delimitação do raio de ação dos sujeitos sociais e esses, passam a existir como protagonistas que, naquele determinado contexto de interesses e oportunidades, estão conectados.

As redes de movimentos emergem e vão além da ação de grupos, organizações e cadeias informais. De acordo com Melucci (2001), as ações em redes ampliam os horizontes dos sujeitos sociais envolvidos. A partir dos vínculos sociais, as redes de movimentos desenvolvem seus processos de mobilizações em espaços locais ou regionais, e, de forma articulada buscam impacto, visibilidade numa esfera pública ampliada, desenvolvendo estratégias e propostas programadas em torno de suas demandas, conectando os espaços locais aos espaços mais amplos. Isso significa afirmar que diante da diversidade dos sujeitos sociais, já não é mais possível falar de um movimento social sem considerar sua articulação numa rede de movimentos. As mulheres da RMPP, nas suas entrevistas, afirmam que, se estivessem em grupos isolados e não estivessem em rede não teriam a produtividade e a visibilidade que hoje elas conquistaram na região.

Os sujeitos sociais pesquisados produziam em grupos isolados em suas comunidades e com o passar do tempo sentiram a necessidade de se articular com outros grupos da região com o intuito de trocar experiências, melhorar a produção e ampliar a visibilidade para divulgação dos produtos, formando uma rede. Na sociedade estamos integrados num determinado contexto social, fazemos inevitavelmente parte de um conjunto de redes, das quais não nos podemos desagregar.

Os movimentos sociais em redes caracterizam-se por articular a heterogeneidade de diversos sujeitos sociais e compreendem vários níveis organizacionais, que vão desde agrupamentos de base às organizações de mediação e espaços mais amplos como os de fóruns às redes políticas de articulação. A emergência das mulheres rurais nos movimentos sociais proporcionou seu aparecimento como sujeitos políticos, rompendo sua invisibilidade como trabalhadoras.

A participação das mulheres na RMPP não só solidificou a cooperação e interligação dos membros locais para um objetivo comum, como também, contribuiu para o empoderamento desses sujeitos influenciando no capital social, que segundo Bourdieu (2008), é um conjunto de normas sociais que intensifica a confiança e a

qualidade nas relações interpessoais. Neste sentido, o capital social tornou-se um instrumento eficiente para a promoção do desenvolvimento local, onde a atuação dos sujeitos, em busca de melhorias no local onde vivem, passam a evidenciar essa importância de ajuda mútua e solidária.

As participantes da RMPP, em sua maioria, revelam que antes de participar de grupos produtivos, eram donas de casa e sobreviviam do roçado. Com o apoio da Casa da Mulher do Nordeste, Organização Não-Governamental (ONG) que atua na região do Pajeú, junto às instituições parceiras como, Diaconia, Centro Sabiá, Grupo Mulher Maravilha, IPA (Instituto Agrônômico de Pernambuco), etc., aos poucos as mulheres foram sendo convidadas a participar de encontros, reuniões, cursos, capacitações que favoreciam a produção de artesanatos a partir dos potenciais locais, visando valorizar e dar visibilidade ao conhecimento e as capacidades das agricultoras e suas formas de inserção na organização do trabalho da agricultura familiar, além de construir coletivamente caminhos para superação das situações de desigualdade.

Ao estreitar as distâncias entre os saberes nos movimentos sociais com os saberes e realidades locais de sujeitos da agricultura familiar, as formações se enobrecem com as dinâmicas culturais, produtivas e sociais do local. Os sujeitos aprendem na interação, no diálogo, na vivência, enfim uns com os outros.

Importa ressaltar, que a RMPP é um movimento construído no âmbito do desenvolvimento local, onde as participantes ocupam-se desde a mobilização de recursos à aprovação de projetos, sendo estas responsáveis por sua gestão e desenvolvimento, bem como por sua durabilidade.

3. Desenvolvimento Local

Ao se pensar em desenvolvimento, é comum reportar-se a uma estratégia para o crescimento de algo. Porém, a noção de desenvolvimento local não está associada exclusivamente ao aspecto econômico, mas, é também percebido como um processo multidimensional, envolvendo a comunidade impregnada de história, suas relações com instituições e sua capacidade de conduzir seu próprio destino. Esse desenvolvimento pode ser econômico e social, e deve garantir a melhoria da qualidade de vida a partir do potencial local de forma integral.

É neste sentido que se compreende o desenvolvimento local, que as mulheres da RMPP produzem, partindo das potências locais, e, se articulam para acessar políticas

públicas de diversas áreas do segmento produtivo e da agricultura familiar, como: artesanato, beneficiamento de frutas, viveiro de mudas, criação de animais de pequeno porte, etc.

De acordo com Buarque (2002) o desenvolvimento local parte de um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população. Para o autor, as iniciativas endógenas demandam normalmente um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade. Na mesma sintonia, Oliveira (2001), entende que essa perspectiva local do desenvolvimento corresponde às noções como as de desenvolvimento humano, cidadania, bem-estar e qualidade de vida. Para o autor, “o desenvolvimento local é uma noção polissêmica e necessariamente comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania” (OLIVEIRA, 2001, p. 2).

O desenvolvimento local, portanto, é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições da sociedade local, que superam dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local. O desenvolvimento local deve, ainda, assegurar sua conservação, que considera a base das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local (BUARQUE, 2002).

A partir desse contexto sobre desenvolvimento local, é possível compreender que o mesmo, está vinculado ao processo de utilização e valorização de capacidades endógenas, e isso implica na participação de sujeitos sociais do local. Nesta direção, a fim de catalisar as potencialidades locais, um dos princípios da RMPP é fortalecer a organização produtiva das mulheres contribuindo para sua autonomia econômica e política através do seu capital social e da ação em rede. Nessa perspectiva, a definição de capital social se destaca a partir de recursos, como, reciprocidade, cooperação e solidariedade. Segundo Coleman (2001) a ideia de capital social deve ser concebida como um bem público, uma vez que está ligado diretamente às relações entre indivíduos. Para esse autor, o capital social, se define por sua função e constitui um tipo particular de recurso à disposição do sujeito social. Putnam (2005), também aborda o capital social a partir de características da organização social, como, por exemplo, redes, normas e confiança, que facilitam a cooperação e a coordenação em benefício mútuo.

E é nesse enfoque de colaboração mútua, entre a conexão dos sujeitos sociais, aliados a atitudes de confiança, de reciprocidade, de cooperação e práticas comunicativas que as mulheres da RMPP se fortalecem e transformam suas realidades.

Nesse sentido, o capital social funcionou como mola propulsora do desenvolvimento da RMPP, visto que, a união dos sujeitos sociais da rede visa proporcionar a melhoria na qualidade de vida contribuindo com o desenvolvimento local.

No processo investigativo, as mulheres da RMPP revelaram, simbologias e significados a partir das suas representações sociais, traduzindo suas vidas antes e depois da participação em movimentos sociais, destacando várias mudanças, não só na melhoria da estrutura econômica, pessoal e familiar, como também, no empoderamento e participação em espaços políticos e sociais. Os saberes dos sujeitos pesquisados sendo valorizados provoca a promoção da ingenuidade para a criticidade, ou seja, do saber do senso comum ao desenvolvimento da curiosidade crítica. (FREIRE, 2011)

Dessa forma, as representações sociais das mulheres sobre os saberes vêm sendo formadas, na interação com os movimentos sociais, tendo em vista que as representações são mutáveis dependendo do tempo histórico em que esses sujeitos sociais estejam inseridos.

Finalmente, com o propósito de se compreender a realidade das mulheres da RMPP, perguntamos: quem são essas mulheres? O que pensam? O que percebem? O que desejam? Foi necessário conhecer, seus anseios, suas subjetividades e as condições que levaram esses sujeitos sociais, a se unirem além das proximidades da vizinhança nas comunidades, e que pelas mais diversas razões, construíram uma organização, tornando-se perceptíveis e reconhecidas pelo que produzem em rede colaborando com o desenvolvimento local.

4- Representações Sociais

O campo de estudo conhecido como Teoria das Representações Sociais (TRS), que visa através de conceitos, métodos e técnicas próprias fornecer o referencial que possibilite tornar as representações sociais visíveis e compreensíveis em formas de prática social foi primeiramente apresentada, como tal, por Serge Moscovici, em sua obra “La Psicanalyse: Son image et son public” em 1961, na tentativa de dar conta de uma psicologia que se libertasse do paradigma individualista e coletivista. Para esse autor,

Representar uma coisa é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, criam a impressão de realidade. (MOSCOVICI,

Ao recuperar o conceito durkheimiano de representações, Moscovici (2001), afirma que os estudiosos estavam mais preocupados com o caráter coletivo das representações do que propriamente com seu conteúdo ou sua dinâmica. Durkheim defendia que as representações coletivas tinham um papel conservador e integrador da sociedade e apresentavam formas estáveis de compreensão coletiva. Moscovici, por outro lado, apresentou o interesse pela transformação do senso comum e pelos processos que envolvem as representações que podem ser mutáveis ou não.

Dessa perspectiva, surgem os estudos produzidos por diversos pesquisadores, entre eles, os estudos de Jodelet (2001, p. 22), para quem o conceito de representação social é:

Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada entre outras do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

No processo investigativo apresentado neste trabalho, recorreu-se à TRS objetivando entender como as mulheres rurais da RMPP representam os saberes que construíram, enquanto participantes de movimentos sociais.

A pesquisa, utilizou-se da observação participante, entrevistas semiestruturadas, e grupo focal. De acordo com Brandão (2006), *a observação participante*, permite a apreensão da sabedoria popular, ampliando o conhecimento sobre a realidade local onde se deseja pesquisar. Nos estudos das representações sociais, segundo Spink (1995), as *entrevistas semiestruturadas* devem ser longas, uma vez que, importa compreender o contexto social e histórico dos grupos estudados. Além dessas técnicas de coletas já citadas, foi, ainda, utilizada o *grupo focal*, potente meio de interação, de debate, de reflexão, que propicia a aprendizagem dos sujeitos sociais a partir do exercício da fala e da escuta. Para Gatti (2005), ao propiciar a exposição ampla de ideias e perspectivas, o grupo focal, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem as respostas, que com outros meios, poderiam ser difíceis de identificar. Ainda para a autora, o grupo focal é uma técnica ideal para se entender atitudes, preferências, necessidades, sentimentos e ideias dos

sujeitos acerca de um determinado tema.

As mulheres rurais da RMPP ao participarem de movimentos sociais, ao realizarem viagens de intercâmbios, e se integrarem em diversas práticas cotidianas estarão construindo suas próprias representações sociais sobre os saberes que construíram/constroem, baseados nas interações com outros sujeitos sociais que estão presentes nos mesmos espaços, contudo, ao partilharem uma representação social, estarão influenciando nas representações dos outros sujeitos e vice-versa, transformando as visões de mundo. É através da comunicação que os indivíduos se reúnem, e, afortunadamente, que algo passa do individual para se tornar social e vice-versa.

As representações sociais objetivam “transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar” Moscovici (2012, p.78). Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é o intuito das representações sociais. Esse processo transformador é determinado pela linguagem, imagem e ideias compartilhadas por um dado grupo. As mulheres rurais da RMPP revelaram durante as entrevistas e o grupo focal, que antes de participarem de movimentos sociais tinham medo de falar em público, tremiam, ficavam pálidas, com vergonha etc. Quando perguntou-se, o porquê disso, uma delas respondeu: *“Acho que era um medo pela forma que fomos criadas, e também era um medo de falar sobre o que a gente não sabia, como não participávamos, então, não tínhamos o conhecimento”* (Guerreira, do Xique-xique). Entende-se que, as representações criadas são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo não familiar. No caso dos sujeitos pesquisados, o falar em público era algo incomum, ou retratava para elas um sentimento de não familiaridade.

No entanto, a frequente participação das mulheres rurais da RMPP em movimentos sociais, nas diversas reuniões, com o exercício contínuo de falar em público, foi se tornando algo comum, e o que estava longe, tornou-se alcançável, o que era incomum, tornou-se corriqueiro, familiar. *“Hoje a gente participa mais, a gente fala mais, perdemos o medo, como a gente participa muito, temos o domínio melhor das coisas”* (Solidária, do Xique-xique). Com a participação nos movimentos sociais, as mulheres ressignificaram os saberes sobre a comunicação e a socialização o que, as ajudaram a superar o problema do medo e da timidez, *“Antes eu morria de medo de falar, ficava branca igual a um papel”* (Guerreira, do Xique-xique), *“Eu parecia um bicho do mato”* (Transformada, do Xique-xique). Elas apreenderam os novos conhecimentos, os ajustaram às suas realidades, e os representaram no que foi possível, e aceitável, fazendo de uma prática de grupo, uma prática social.

Moscovici (2012) entende que as representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos e cognitivos se ajustam. Cada experiência seria somada a certa realidade predeterminada por convenções, pela familiaridade. De acordo com esse autor, enquanto as representações, compartilhadas por tantas pessoas, influenciam a mente de cada uma delas, não são apenas pensadas por esses indivíduos, mas sim repensadas, representadas. “Elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2012, p.37). A transformação dos saberes leva a uma mudança de valores, que, conseqüentemente, irá influenciar nos relacionamentos sociais, na forma como o sujeito se percebe no mundo e com o outro, o que era certo para a geração anterior, por exemplo, pode não ser para a geração atual.

As representações sociais são dinâmicas, explicativas, abarcando aspectos culturais, cognitivos e valorativos, possuindo dimensão histórica e transformadora. Visto que, as representações sociais podem ser instáveis, e que seu processo de construção tem como princípio transformar o que é desconhecido, não familiar, ou até ameaçador, em algo familiar, íntimo, ou ainda, comum, Moscovici (2012, p.69) salienta que as representações sociais originam-se de dois processos formadores, a ancoragem e a objetivação:

A ancoragem e a objetivação são maneiras de lidar com a memória, sendo que a primeira mantém a memória em movimento, rotulando objetos, pessoas e fatos que entram e saem; A segunda tira os conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior, para efetuar coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

A ancoragem é a integração cognitiva do objeto representado (ideias, relações, pessoas, fatos, etc.) a um sistema de pensamento social já existente. Ela transforma algo desconhecido em um sistema particular de categorias, fazendo com que o objeto adquira características desta categoria. De acordo com as falas das mulheres, sujeitos sociais desta pesquisa, durante as discussões no grupo focal, ao serem indagadas sobre o que seria *Conhecimento*, surgiram respostas como: “*É o único bem que ninguém toma*”, “*Saberes que transformam*”, “*É aprender e saber valer*”, “*Conjunto de informações*” etc. Por outro lado, a objetivação é a materialização da palavra, é dar forma ou figura específica a um conceito abstrato. Afirma Moscovici (2012, p.40) que “somos compelidos a criar equivalentes, formas não verbais para as palavras”. Assim, as palavras que puderem ser representadas são integradas a um núcleo figurativo, que se

define por um complexo de imagens que reproduz um complexo de ideias, e uma vez que a sociedade adota este núcleo figurativo, ou paradigma, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser a ele associada (MOSCOVICI, 2012). No caso do termo “*Rural*”, espaço compreendido no campo onde vivem as mulheres da pesquisa foram associados, por elas, termos como “*Agricultura*”, “*Roçado*”, “*Colheita*”, “*Lugar tranquilo*”, entre outras imagens que deram forma específica à ideia do *Rural*, e esta é uma das possibilidades oferecidas pelas representações sociais.

No processo investigativo, as representações sociais dos saberes proporcionados pelos movimentos sociais começaram a aparecer, ainda, nas observações e mais tarde, nas entrevistas semiestruturadas e no grupo focal. No início das análises, foi possível identificar como esses sujeitos sociais representavam socialmente os saberes que elaboraram nos movimentos sociais, a partir da verbalização de palavras como: *conhecimento, fortalecimento, empoderamento, aprendizagem, autonomia, criatividade, autoestima, transformação, independência, segurança, etc*; essas palavras formaram um núcleo figurativo que segundo Moscovici, pode ser considerado como uma imagem estrutural que reproduz de forma visível um arcabouço conceitual. Com esse recurso foi possível compreender a imagem estrutural que as mulheres representam sobre os saberes construídos nos referidos movimentos, ou seja, uma forma de conhecimento que fortalece a pessoa e o grupo, que lhes confere poder. Os saberes são aprendizagens que contribuem para a autonomia, para a criatividade, elevando a autoestima e, como consequência, gera segurança.

Partindo dessa imagem estrutural das representações e dos meios utilizados para apreensão das informações, foram realizadas as análises por meio de categorizações das informações, facilitada pelos processos de ancoragem e objetivação.

As representações sociais têm como fundamento o indivíduo e os grupos sociais e, só podem ser construídas a partir dos mesmos, enquanto esses grupos vivenciam a tensão entre sua objetividade e subjetividade, experiência esta, contextualizada num determinado meio histórico e social. Para Moscovici (2012), a estrutura interna do pensar na sociedade é dividida em dois universos distintos, que não são opostos, mas possuem características próprias e se alimentam mutuamente em suas dimensões, são os universos consensual e reificado.

No universo reificado, a sociedade é transformada em sistema de entidades sólidas, que não possuem identidade e cujos membros ignoram as próprias criações

sociais. O universo consensual "seria o das representações sociais, do senso comum, o universo dos amadores, curiosos, leigos que, através de práticas interativas cotidianas, compartilham ideias e interpretações do mundo" (MOSCOVICI, 2012, p.49-51), produzindo as suas próprias representações sociais.

O universo consensual, nesta pesquisa, foi identificado como as práticas interativas desenvolvidas nos espaços onde as mulheres rurais constroem ou construíram suas representações sociais sobre os saberes, a partir das experiências cotidianas nos diversos espaços de interação que participam. Enquanto que o universo reificado, corresponde ao conhecimento formal produzido no espaço acadêmico, por exemplo. Esse universo fundamenta as pesquisas, mas também se alimenta dos resultados das investigações.

No caso da pesquisa ora concluída, o universo reificado fundamentou teoricamente a investigação e os achados poderão contribuir com esse mesmo universo, ou seja, as considerações acerca das representações sociais apreendidas das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais, oferecem novos elementos ao universo reificado. Importa esclarecer que, em certa medida, o universo consensual das mulheres rurais estudadas, alimentados pelos saberes que produziram nos movimentos sociais e em outros meios, pode trazer mudanças a esse mesmo universo.

5. Resultados e discussões

Neste espaço do artigo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos com a pesquisa, ou seja, as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes elaborados nos movimentos sociais. No entanto, destacam-se aqui, as representações sociais apreendidas durante a investigação, que foram categorizadas, em função da frequência com que foram apresentadas pelos sujeitos pesquisados, assim como, pelos limites estabelecidos neste artigo.

Para melhor entendimento serão apresentados primeiramente alguns trechos das falas extraídas das entrevistas semiestruturadas e do grupo focal em que as mulheres relatam suas histórias de vida antes e depois das articulações com os movimentos sociais. Esses relatos são importantes para que se compreenda a relevância desses espaços no cotidiano das pesquisadas. Em seguida, serão expressas as discussões e análises de acordo com o que se pretendeu nos objetivos da pesquisa.

As mulheres rurais da RMPP definem os movimentos sociais como espaço de

aprendizado coletivo, e também como espaço de luta, onde se organizam saberes para transformação das práticas cotidianas, como relata a entrevistada: *“através dos movimentos sociais se ganha força, e a interação ajuda muito, só em se reunir com as outras mulheres se aprende. Uma vai dando ideia para a outra”* (Sabida, do xique-xique). Os movimentos sociais, como espaço da educação popular e das inovações das relações de poder, criam e recriam nestas mulheres rurais novas formas de estabelecer relações com a família, com a comunidade, e com os diversos espaços coletivos.

Os grupos produtivos da RMPP são antecidos por uma formação política e social. Quando as mulheres começam a se organizar em coletivos, elas percebem que unidas, também podem se desenvolver individualmente e se sentem empoderadas. Entende-se que a participação em movimentos sociais incentiva as mulheres rurais a romper com a rígida divisão de papéis construídos socialmente e internalizados como o “lugar de mulher” e “lugar de homem” predeterminados na família, nas comunidades e nos diversos espaços de interação. Os movimentos as estimulam a ocupar espaços na sociedade, a se comunicar, como também, a fazer parte do campo político, como revela essa mulher rural: *“antes eu não tinha oportunidades, hoje, eu sou a presidente da associação da comunidade, com isso, ajudo muito as pessoas”* (Articulada, do Retalhos do Pajeú). É possível perceber com essas considerações a existência de um consenso entre as mulheres pesquisadas em relação à valorização pessoal e a melhoria na qualidade de vida depois da participação em movimentos sociais.

Porém, neste estudo, importou analisar como as mulheres rurais representam socialmente os saberes que foram construídos nos movimentos sociais. Identificar essas representações, como também, compreender as influências dessas representações sociais para o desenvolvimento local, uma vez que é visível, o investimento no capital social desses sujeitos a partir da convivência nestes espaços.

Em consonância com os conceitos que são trabalhados na TRS, o familiar e não familiar, o universo consensual e o universo reificado, a ancoragem e a objetivação, guiados pelos objetivos propostos e, associados às informações apreendidas, foram elaboradas como resultados deste estudo três categorias que agrupam as representações socialmente produzidas sobre os saberes construídos pelas mulheres rurais nos movimentos sociais, são eles: a) comunicação; b) autonomia/poder, e, c) criatividade.

Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *comunicação* faz referência às representações sociais das mulheres rurais que veem nas falas, nas discussões, e na interação com os outros sujeitos a construção de

conhecimentos. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *autonomia/poder* correspondem às representações sociais das pesquisadas que enxergam o conhecimento como um instrumento para o empoderamento, e, para transformação das relações de poder. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *criatividade* faz alusão às representações sociais desses sujeitos sociais sobre as habilidades desenvolvidas/aprimoradas nos movimentos sociais. Desta forma, foi possível compreender como as mulheres rurais da RMPP representam socialmente os saberes construídos diante da aproximação/ancoragem, da materialização/objetivação e dos conhecimentos representados de uma forma mais familiar.

5.1 Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela comunicação.

Neste estudo, os sujeitos sociais entendem que os saberes são representados socialmente pela *comunicação*, quando o conhecimento é construído através das interações entre os sujeitos, nas relações de trocas de experiências nos movimentos sociais e na evolução desses conhecimentos. Nas entrevistas, algumas mulheres da RMPP revelaram que no início das participações nos movimentos sociais morriam de medo de falar em público, ficavam inibidas, não gostavam de falar nas reuniões, não participavam das discussões porque se sentiam constrangidas. Assim revela a Guerreira, do grupo Xique-xique: *“eu tinha vontade de sair correndo, de fugir da reunião só para não ter que falar. Muitas vezes eu tinha raiva de mim porque eu queria participar, mas, o medo era maior.*

As mulheres da RMPP ao se conscientizaram da importância do comunicar-se, perceberam que era necessário interagir ativamente nos movimentos sociais para superar o medo de falar em público, com isso, buscaram informações, discutiram sobre o que não compreendiam.

Nesse sentido, é possível reconhecer a importância da comunicação para a familiarização com a competência de “saber falar”. Nessa representação social dos saberes enquanto comunicação, a superação se deu através da necessidade de interação social e da participação facilitado pelo movimento social e objetivado, através da figura *comunicação*. Portanto, entende-se que a presença constante nos espaços coletivos, nos momentos de discussões, reuniões e trocas de saberes, possibilitou a formação do

universo consensual das pesquisadas e a familiarização foi proporcionada e objetivada a partir da necessidade do *comunicar-se*.

Os saberes representados socialmente pela comunicação geraram comportamentos transformadores. Essa mudança no comportamento das mulheres, lembra o que revela Moscovici (2012, p. 51), sobre o pensar-comunicar “o pensar torna-se uma atividade ruidosa, pública, que só se satisfaz na necessidade da comunicação”. Com isso, se pode inferir que a comunicação enquanto instrumento de conhecimento favoreceu a elaboração de novos saberes transformando as mulheres rurais da RMPP. As mudanças são visíveis no cotidiano delas, espaço onde se manifestam esses saberes, e demandam uma compreensão para a construção de uma visão crítica e, o significado do saber comunicar-se é expresso não apenas em um saber sobre a realidade, mas também sobre um modo de vida. É o que comenta, a entrevistada identificada como Comunicativa, do grupo Retalhos do Pajeú, quando diz que, “*os movimentos começaram a abrir os nossos olhos para que se pudesse lutar por nossos direitos*”. Pode-se considerar através dos comentários das mulheres da RMPP que ao participarem de espaços coletivos, elas criaram representações sociais que se consolidaram e as fortaleceram nas conquistas de direitos para se afirmaram com um saber-comunicar.

Essas aquisições são reflexos da melhoria nas formas de se comunicar, que lhes proporcionou também repensar o modo de vida de uma forma mais dinâmica e ativa. E, ainda, demonstra a capacidade de incorporar ideias de igualdade social e de se fazer ouvir, enquanto mulher na divisão das responsabilidades e nas tomadas de decisões em função das necessidades delas, das famílias e das comunidades.

Sendo assim, enquanto os movimentos sociais estimularem aos seus participantes a troca de saberes de forma dialógica, proporcionará a esses sujeitos a capacidade de confiarem uns nos outros e a se solidarizarem de modo a contribuir para a constituição de redes de interação, elementos que sustentam o capital social e atestam o compromisso com o desenvolvimento local.

5.2 – Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela Autonomia/poder.

Em conformidade com os sujeitos dessa pesquisa os saberes construídos enquanto *autonomia/poder* se associam aos saberes construídos na comunicação uma vez que ao comunicar-se nos movimentos sociais os sujeitos criam novas relações

sociais que proporcionam o saber-poder.

Com o envolvimento nas dinâmicas dos movimentos as mulheres se sentem fortalecidas, e em meio a trocas de experiências e saberes com as outras companheiras, começam a reagir diante das construções sociais impostas, que ainda realçam a submissão. Unidas pelas relações que constroem nesses espaços coletivos, elas passam a reconhecer-se como detentoras de um potencial humano e se empoderam com o saber-poder, constroem novos hábitos, buscam informações, discutem formas de desenvolver a comunidade, e vão representando socialmente os novos saberes.

As pesquisadas revelam que depois de vivenciarem as dinâmicas dos movimentos elas se libertaram das amarras da invisibilidade e auxiliaram/auxiliam outras mulheres a fazer o mesmo. Essa perspectiva reconhece o papel ativo que esses sujeitos sociais desenvolvem nos movimentos sociais a partir de ações que possam contribuir para o “empoderamento”, como por exemplo, os conhecimentos elaborados pelas mulheres diante de políticas públicas preocupadas com a cidadania e o fortalecimento das mulheres rurais. A importância desse *saber poder* é revelada no comentário da entrevistada identificada como Articulada do Retalhos do Pajeú quando salienta “*quando recebo informações sobre como acessar políticas públicas, certos direitos que muitos nem sabem que tem, eu escuto e repasso para meu povo e para comunidade*”. Percebe-se que essas trocas de informações reveladas pelas mulheres evidenciam um saber poder que contribuiu com a autonomia e autoestima, além de fortalecer os laços solidários e de confiança com os familiares e com a comunidade atestando o compromisso com o desenvolvimento local.

As mulheres da RMPP se apropriaram de saberes que proporcionam autonomia nos movimentos e em outros espaços sociais e construíram um saber-poder. Empoderadas com esse saber, não mais incomum, elas desnaturalizaram as construções sociais que diferiam homens e mulheres, no sentido da igualdade de direitos e deveres, e desfizeram conceitos antes culturalmente construídos nos processos sociais de dominação e exclusão, que ainda insistem em permear as relações sociais. Em sintonia com essa perspectiva, está a fala da entrevistada Participativa, do grupo Raízes do Campo: “*eu não me sentia dona de mim, tudo era os outros que decidiam por mim. Hoje eu descobri que tenho meu valor, sou mais forte, mais determinada, tenho minha autonomia*”.

Nas dinâmicas das ações coletivas, ao mobilizar as forças ativas a partir dos saberes representados socialmente pela *autonomia/poder*, potencializa-se o capital

social dos sujeitos, proporcionando instrumentos para a transformação de si mesmo, do grupo e das comunidades aos quais pertencem. O último depoimento corrobora com o pensamento de Freire (2002), quando diz que é a partir da reflexão sobre o contexto social e suas relações, com o comprometimento nas decisões, que os sujeitos sociais se constroem e constroem a si mesmo, e se fazem sujeitos autônomos.

Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente enquanto autonomia/poder, segundo os comentários dos sujeitos investigados, podem ser visualizados como, instrumentos de fortalecimento individual e coletivo, que anima a autoestima, e promove a valorização social, igualdade de direitos, e melhoria na qualidade de vida das mulheres. A transformação de pensamentos e conceitos é refletida nas práticas sociais para si mesmo e para a comunidade local, o que amplia as possibilidades associativas e a solidariedade, elevando o capital social, mola propulsora para o desenvolvimento local.

5.3 – Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela Criatividade.

O saber enquanto *criatividade* revela-se nas habilidades e nos aprimoramentos desenvolvidos pelas mulheres da RMPP junto às participações nos movimentos sociais.

Do mesmo modo que as representações sociais já comentadas anteriormente, as habilidades/criatividades reveladas na pesquisa foram também, construídas nas relações sociais. Os saberes da criatividade se relacionam com os saberes da comunicação, quando os sujeitos são capazes de interagir e trocar conhecimentos elaborando e aprimorando o saber-criar, essa mesma categoria, se articula com os saberes da autonomia/poder, enquanto indicativo de capacidade de reproduzir uma competência no saber-fazer.

O saber criativo das mulheres da RMPP são processados a partir de matérias primas que elas encontram na comunidade local, por exemplo, com o barro elaboram panelas, transformam retalhos em colchas de fuxicos, e produzem polpas e doces através do beneficiamento de frutas extraídas dos plantios da agricultura familiar, ou seja, dos recursos endógenos criam e recriam produtos rentáveis através do potencial artesanal dos grupos. Com isso, infere-se que os saberes representados socialmente são ancorados pelo saber-criar a partir dos elementos estruturados pelo “conteúdo”, pela “prática”, pelo “fazer contínuo”, pela “competência”, indicando, a representação social

do saber, construído enquanto habilidade e/ou aprimoramentos. A descrição das participantes da RMPP sobre a representação social do saber construído enquanto criatividade mostra que representar socialmente um objeto, é um processo ativo, e dinâmico, e é sustentada tanto por conhecimentos oriundos da experiência cotidiana como pelas apropriações de significados historicamente consolidados.

A capacidade das mulheres da RMPP em desenvolver suas habilidades a partir dos saberes na produção, aprimorados pelos saberes enquanto conteúdos e competências revelam como elas se aproximam e representam socialmente a criatividade. Os conteúdos diversos que são repassados nas dinâmicas da RMPP para aprimorar e validar as ideias, que são incorporadas por elas ao processo criativo, também são o diferencial, para a Corajosa, do grupo xique-xique: *“depois das oficinas ficamos mais prática, porque aprendemos sobre geração de renda, custos, comercialização, design de produtos”*. De acordo com as pesquisadas, o processo do saber fazer, saber criar, ou aprimorar os produtos, só foi possível quando foram estimulados pela variedade de conhecimentos e informações que receberam nas oficinas de aprendizagem. O saber criar se associou às “ideias”, ao “conhecimento” e à “habilidade”.

Entende-se que a união desses elementos fez com que a criatividade ocorresse com fluidez, e, assim, direcionasse os saberes para a produção dos diversos artefatos que são confeccionados e comercializados pela RMPP. Portanto, infere-se que os saberes construídos nos movimentos sociais representados pela *criatividade* enquanto habilidades desenvolvidas/aprimoradas foram objetivadas junto aos conhecimentos o que aproximou as mulheres rurais do saber criar, do saber fazer.

As mulheres da RMPP se apropriaram dos saberes acerca de temas variados nos movimentos sociais, ampliaram esses saberes e os representaram socialmente enquanto habilidades, através de potenciais locais, agregando valor aos saberes criativos. Esses resultados sugerem que os saberes representados socialmente pela criatividade enquanto habilidade e aprimoramento formaram um capital social que contribui para o desenvolvimento local.

6. Conclusão

Essa pesquisa analisou como as mulheres rurais da RMPP representam socialmente os saberes construídos nos movimentos sociais. Para isso, buscou-se

identificar essas representações durante a sua participação na RMPP, além de compreender as influências dessas representações sociais sobre as suas vidas, na família e nos grupos coletivos, e, reconhecer a contribuição que as representações sociais dos saberes elaborados pelas mulheres da RMPP imprimiram ao desenvolvimento local.

Os resultados obtidos revelaram as representações sociais dos saberes enquanto *comunicação, autonomia/poder e criatividade*. A participação constante nos movimentos sociais proporcionou saberes que estimularam nas pesquisadas a melhoria na comunicação, contribuíram para o empoderamento e para o aprimoramento das habilidades, além de haver propiciado um melhor convívio com as pessoas, a efetivação de laços de amizade, momentos de lazer e solidariedade, colaborando, ainda, para a melhoria da autoestima e bem-estar social. O que permite compreender o quanto a produção de conhecimentos diversos constitui e reforça a identidade dos grupos, reconstituem o pensamento e estes influem em suas práticas sociais.

Para a pesquisadora esses conhecimentos, muitos construídos, outros aprimorados, durante as participações das mulheres rurais em movimentos sociais, precisam ser compartilhados para além dos espaços coletivos aos quais pertencem, fazendo-se necessário acolhê-los na esfera acadêmica, pois, se entende que ao estreitar a relação entre saberes não-formais e científicos é possível trocar experiências diversas e inovadoras que favoreçam a construção de novos saberes. Nessa dimensão se faz necessário políticas públicas de valorização, reconhecimento e financiamento da produção do conhecimento e dos saberes das mulheres rurais.

Diante do exposto, as mulheres rurais da RMPP, se apropriaram da produção coletiva nos movimentos sociais, e nestas relações, construíram e ressignificaram saberes, acerca de diversos temas e representaram socialmente os valores sobre os quais a coletividade criou uma ideia comum que ultrapassou os aspectos econômico e social.

Acredita-se, ainda, que as representações sociais dos saberes construídos nos movimentos sociais pelas mulheres rurais da RMPP, contribuem para o desenvolvimento local, pois, entende-se que essa perspectiva, envolvendo os saberes que acumularam, corresponde às noções do desenvolvimento da solidariedade, da confiança como as de desenvolvimento humano, da cidadania para o bem-estar e melhoria na qualidade de vida dos sujeitos sociais.

Referencias

- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
- DA SILVA, Nádja P. Gonçalves: **O ambiente e a biodiversidade de Afogados da Ingazeira**: Monografia. Uma proposta de ensino interdisciplinar. Campina Grande, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 21ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- JODELET, D. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais**. Psicologia e Sociedade, Petrópolis, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.
- LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da Pesquisa na Saúde**. Santa Maria: Palloti, 2001.
- MATOS, Heloísa. **Capital social e comunicação**. Interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. 9.ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012
- _____. **Das representações coletivas às representações sociais: Elementos para uma história** In JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Polis, FGV, 2001.

PORTUGAL, Sílvia. **Famílias e redes sociais: Ligações fortes na produção de bem-estar**. Edições Almedina, Coimbra: 2014.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2005.

SPINK M.J.P. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais** In: Guareschi P, Jovchelochi S, organizadores. Textos em Representações Sociais. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1995.

_____. **O estudo empírico das representações sociais**. In: SPINK, M. J. P. (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995a. p. 85-108.